

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS FERNANDO TEIXEIRA NASCIMENTO DA SILVA

**ENTRE CANGALHAS E MOTOCICLETAS: AS TRANSFORMAÇÕES
OCORRIDAS NA PAISAGEM DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA -
ALAGOAS**

Maceió, Alagoas
2023

LUCAS FERNANDO TEIXEIRA NASCIMENTO DA SILVA

**ENTRE CANGALHAS E MOTOCICLETAS: AS TRANSFORMAÇÕES
OCORRIDAS NA PAISAGEM DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE VIÇOSA -
ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado/em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof^a. Dra. Adriana Guimarães Duarte.

Maceió, Alagoas

2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586e Silva, Lucas Fernando Teixeira Nascimento da.
Entre cangalhas e motocicletas : as transformações ocorridas na paisagem da Feira Livre da cidade de Viçosa - Alagoas / Lucas Fernando Teixeira Nascimento da Silva. - 2023.
121 f. : il. color.

Orientadora: Adriana Guimarães Duarte.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 119-121.

1. Feiras livres - Viçosa (AL). 2. Paisagem. 3. Cultura. 4. Comércio. 5. Patrimônio cultural. I. Título.

CDU: 712:339.177(813.5)

Dedico este trabalho a todos os Alagoanos e em especial os feirantes da Feira Livre de Viçosa, que carregam consigo a personalidade da cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem a permissão dele eu não estaria aqui.

A toda a minha família, especialmente a minha mãe Rozenilda Teixeira pelo apoio, cuidado e educação em todos os meus momentos de vida, a minha irmã Débora Teixeira, aos meus avós maternos, minha Tia Mary e Tia Gerusa pelo incentivo na minha formação.

A professora Dra. Adriana Guimarães Duarte por toda a força e motivação para que esse trabalho desse andamento, além dos ensinamentos repassados no Grupo de Pesquisa Representações do Lugar, juntamente com a professora Dra. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas.

Agradeço a professora Ma. Regina Coeli Carneiro Marques pelos ensinamentos e incentivos que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. A professora Anna Maria Vieira Soares Filha, por fazer despertar em mim o interesse pela história da arte e arquitetura. As professoras Ma. Ana Paula Acioli de Alencar e Dra. Caroline Gonçalves dos Santos pelos ensinamentos na disciplina de projeto de urbanismo que contribuiu para a escolha do projeto de pesquisa de mestrado. A todos os professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL que agregaram a minha formação.

Agradeço ao Valdir Vieira por todo o incentivo e apoio durante esse tempo, sem ele esta pesquisa não teria o devido andamento.

Meus agradecimentos aos amigos Alda, Aldaene, Amanda, Arthur, Caio, Ianca, Jéssica, João, Julye, Kayo, Lalo, Luclécia, Marcos, Mariane, Maylla, Nycoli, Pedro, Renato aos amigos do grupo Brooklyn, pela amizade, pelo apoio e força.

Aos meus amigos de curso, minhas duplas e grupos de disciplinas.

Ao Maracatu Baque Alagoano por ser meu amparo de todos os sábados, principalmente nos tempos corridos que a faculdade exige.

À UFAL por toda a assistência e serviços prestados durante minha estadia na faculdade.

Ao IFAL pela formação de base que contribuiu para meu ingresso na universidade.

A FeNEA por me proporcionar os melhores momentos do curso me mostrando realidades e conscientização.

A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnam os seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. (FREIRE, 1993, p. 13).

RESUMO

No nordeste do Brasil as feiras livres atuam como um instrumento importante nas funções socioeconômicas, pelo fato de ser um dos indispensáveis modos de comercialização da produção agrícola. Todas as sextas, no município de Viçosa, parte da Avenida Firmino Maia é isolada para a organização da feira, que se inicia ao amanhecer de sábado. Os comerciantes comparecem ao local para montar os ambientes de trabalho, para no dia seguinte pela manhã aguardar os clientes que virão comprar: mercadorias pecuárias e granjeiras, artesanatos, hortaliças, verduras, frutas, pescados, grãos, doces artesanais, dentre outros. A Feira de Viçosa une saberes, formas de expressões e conexões entre os habitantes da cidade. Sabendo da alta relevância da feira para a cidade e que existem recorrentes mudanças no espaço físico, bem como transformações nos modos de execução do evento, este trabalho se conduz com o objetivo de dirigir estudos sobre a evolução histórica da feira e a sua relação com a paisagem da cidade, atuando como um registro de memória sobre esses usos. Para identificar essas modificações na paisagem da feira, houve dois tipos de investigações: As mudanças na organização do espaço, ou seja, como se deu a arrumação e setorização dela durante os anos, e se há constâncias; e as mudanças nas práticas do comércio. Para este caso, pela semelhança precisa da descrição da Feira Livre de Viçosa na década de 1970 pelo escritor Sidney Wanderley com a canção “feira de mangaio” composta por Sivuca e Glorinha Gadêlha na mesma década, onde relatam experiências vividas em feiras livres do interior do Nordeste, foi escolhido o método comparativo da etnolinguística da música com a paisagem da feira de Viçosa, para reconhecer traços permanentes, substituídos e esquecidos.

Palavras-chave: Feira; paisagem; cultura; comércio; patrimônio.

ABSTRACT

In the northeast of Brazil, street markets act as an important instrument in socioeconomic functions, as it is one of the indispensable ways of commercializing agricultural production. Every Friday, in the municipality of Viçosa, part of Avenida Firmino Maia is isolated for the organization of the fair, which begins at dawn on Saturday. Traders go to the place to set up the work environments, so that the next morning they can wait for customers who will come to buy: livestock and farm goods, handicrafts, vegetables, fruits, fish, grains, artisan sweets, among others. Feira de Viçosa unites knowledge, forms of expression and connections between the inhabitants of the city. Knowing the high relevance of the fair for the city and that there are recurrent changes in the physical space, as well as transformations in the ways of executing the event, this work is carried out with the objective of directing studies on the historical evolution of the fair and its relation with the city landscape, acting as a memory record about these uses. In order to identify these modifications in the landscape of the fair, there were two types of investigations: Changes in the organization of the space, that is, how it was organized and sectorized over the years, and if there are constants; and changes in trade practices. In this case, due to the precise similarity of the description of the Feira Livre de Viçosa in the 1970s by the writer Sidney Wanderley with the song “feira de mango” composed by Sivuca and Glorinha Gadêlha in the same decade, where they report experiences lived in free fairs in the interior of the Northeast, the comparative method of ethnolinguistics of music with the landscape of the Viçosa fair was chosen, to recognize permanent, substituted and forgotten traces.

Keywords: fair; landscape; culture; commerce; heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa do estado de Alagoas com a indicação da localização do município de Viçosa.....	26
Figura 2	- Mapa de delimitação do espaço de realização da Feira Livre de Viçosa AL.....	16
Figura 3	- Vista da Feira Livre de Viçosa na Avenida Firmino Maia.....	17
Figura 4	- Feira de gado da cidade de Dois Riachos – Alagoas.....	26
Figura 5	- Mapa dos locais onde a Feira Livre de Viçosa aconteceu e local atual.....	30
Figura 6	- Ladeira da Matriz ou Rua Epaminondas Gracindo.....	32
Figura 7	- Antiga Praça do Quadro ou do Comércio, atual Praça Apolinário Rebelo.....	33
Figura 8	- Estação ferroviária de Viçosa - AL em 1909.....	34
Figura 9	- Mercado Público Municipal de Viçosa em 1914.	35
Figura 10	- Vista panorâmica da cidade de Viçosa - AL em 1908.....	36
Figura 11	- Mapa ferroviário de Alagoas em 1905.....	37
Figura 12	- Algodão chegando à estação ferroviária via tração animal para serem transportados no trem em 1906.....	37
Figura 13	- Imagem com recorte do espaço de realização da Feira Livre de Viçosa - AL em 1929.....	38
Figura 14	- Trecho da obra de canalização do córrego da Avenida Firmino Maia na década de 1930.....	39
Figura 15	- Enchente de 23 de junho de 1948 na cidade de Viçosa - AL, causando prejuízos para habitantes e infraestrutura da cidade.	40
Figura 16	- Mercado Municipal de Viçosa - AL no dia 13 de outubro de 1931 com as instalações da exposição contando a história do centenário do município.....	41

Figura 17	- Construção da Indústria de Comércio de Algodão Anderson Clayton na Avenida Firmino Maia em 1935.....	41
Figura 18	- Espaço da antiga Indústria de Comércio de Algodão Anderson Clayton como depósito das barracas da feira.....	42
Figura 19	- Feira Livre de Viçosa - AL na década de 1950.....	43
Figura 20	- Paisagem do Centro de Viçosa - AL no final da década de 1960.	44
Figura 21	- Mapa dos locais onde a Feira Livre de Viçosa aconteceu e local atual.....	47
Figura 22	- Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.....	48
Figura 23	- Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.....	48
Figura 24	- Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.....	49
Figura 25	- Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.....	49
Figura 26	- Largo Dom Fernando Gomes, Arapiraca - AL em 1974.....	50
Figura 27	- Feira de Caruaru - PE na década de 1960.	51
Figura 28	- Antigo Hotel São Roque na Avenida Firmino Maia.....	55
Figura 29	- Conjunto de casas na Rua Vigário Loureiro no passado.....	55
Figura 30	- Espaços de antigos usos substituídos por supermercados.....	56
Figura 31	- Espaços de antigos usos substituídos por supermercados.....	56
Figura 32	- Mapa dos supermercados instalados no Centro da cidade de Viçosa - AL.....	57
Figura 33	- Mapa de uso e ocupação do solo da Avenida Firmino Maia e seu entorno.....	58
Figura 34	- João do Quebra-Queixo com seu carrinho vendendo o doce pelas ruas da cidade de Viçosa - AL.....	65
Figura 35	- Do cotidiano e das trocas: O comércio da Avenida Firmino Maia.....	67
Figura 36	- De referência: Prédio da antiga intendência municipal, atual Secretaria Municipal de Cultura de Viçosa.....	68

Figura 37	- Do sagrado: Desfile de comemoração à emancipação política da cidade de Viçosa.....	68
Figura 38	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa - AL em 2009.....	76
Figura 39	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa - AL em 2015.	78
Figura 40	- Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.....	79
Figura 41	- Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.....	80
Figura 42	- Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.....	80
Figura 43	- Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.....	81
Figura 44	- Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.....	81
Figura 45	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa - AL em 2018.....	83
Figura 46	- Praça da feira na Avenida Firmino Maia antes das obras de revitalização.....	84
Figura 47	- Praça da feira na Avenida Firmino Maia após as obras de revitalização.....	85
Figura 48	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa - AL em novembro de 2022.	86
Figura 49	- Corredor de peixes na Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.....	87
Figura 50	- Galpões da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.....	88
Figura 51	- Galpões da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.....	88
Figura 52	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa - AL em outubro de 2022.	90
Figura 53	- Corredores formados na Rua Pedro Barreto para a Feira Livre de Viçosa - AL no dia 14/10/2022.....	91
Figura 54	- Barraca de venda de sapatos vizinha de barraca de venda de frutas.....	92
Figura 55	- Grande movimentação de pessoas após o Festival da Primavera 2022 na Feira Livre de Viçosa - AL no dia 14/10/2022.....	92
Figura 56	- Mapa de organização e ocupação da Feira Livre de Viçosa -	94

	AL em dezembro de 2022.....	
Figura 57	- Mapa de sobreposição das barracas da Feira Livre de Viçosa - AL.....	96
Figura 58	- Barraca de fumo de rolo na Feira Livre de Viçosa - Alagoas....	101
Figura 59	- Moto-táxis estacionadas no canteiro da Feira Livre de Viçosa - AL aguardando clientes para viagens.....	102
Figura 60	- Ônibus vindo de povoados estacionado nas proximidades da Feira Livre de Viçosa - AL.....	103
Figura 61	- Barraca de bolachas, biscoitos e bolos da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	104
Figura 62	- Criança caminhando na Feira Livre de Viçosa - AL.....	105
Figura 63	- Barraca de temperos na Feira Livre de Viçosa - AL.....	106
Figura 64	- Tradicional Bar do Relógio na Avenida Firmino Maia, Viçosa - Alagoas.....	107
Figura 65	- Mercado Público Municipal de Viçosa - Alagoas.....	108
Figura 66	- Fachada do Mercado Público Municipal de Viçosa - Alagoas..	109
Figura 67	- Mesa de comércio de bananas e melancias no Galpão da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	110
Figura 68	- Mesa de comércio de legumes no Galpão da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	110
Figura 69	- Chinelos de borracha sendo vendidos na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	112
Figura 70	- Barraca de roupas na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	113
Figura 71	- Trio pé de serra se apresentando na entrada de uma loja do Centro de Viçosa - Alagoas.....	114
Figura 72	- Barraca de peixe na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.....	115
Figura 73	- Estudantes fazem homenagem à feira no desfile cívico de emancipação política de Viçosa - Alagoas em outubro de 2022.....	117
Figura 74	- João do Quebra-Queixo sendo destaque no desfile cívico de emancipação política da cidade de Viçosa - Alagoas.....	117

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INRC - AL	Inventário Nacional de Referências Culturais em Alagoas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PE	Pernambuco
RELU	Grupo de Pesquisa Representações do Lugar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	A FEIRA LIVRE NA HISTÓRIA	18
1.1	As feiras no Nordeste brasileiro.....	21
1.2	A trajetória da Feira Livre da cidade de Viçosa	27
1.3	As feiras livres e o processo de modernização do varejo brasileiro..	50
2	A FEIRA NO ESPAÇO E NA PAISAGEM	59
2.1	Território, territorialidade e identidade.....	60
2.2	As paisagens e os lugares das feiras livres.....	69
3	AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PAISAGEM DA FEIRA	98
3.1	“Feira de mangaio” e sua relação com as feiras livres do interior do Nordeste brasileiro.....	99
3.2	Etnolinguística da música e as permanências e mudanças na Feira Livre de Viçosa.....	100
	Conclusão	116
	Referências	119

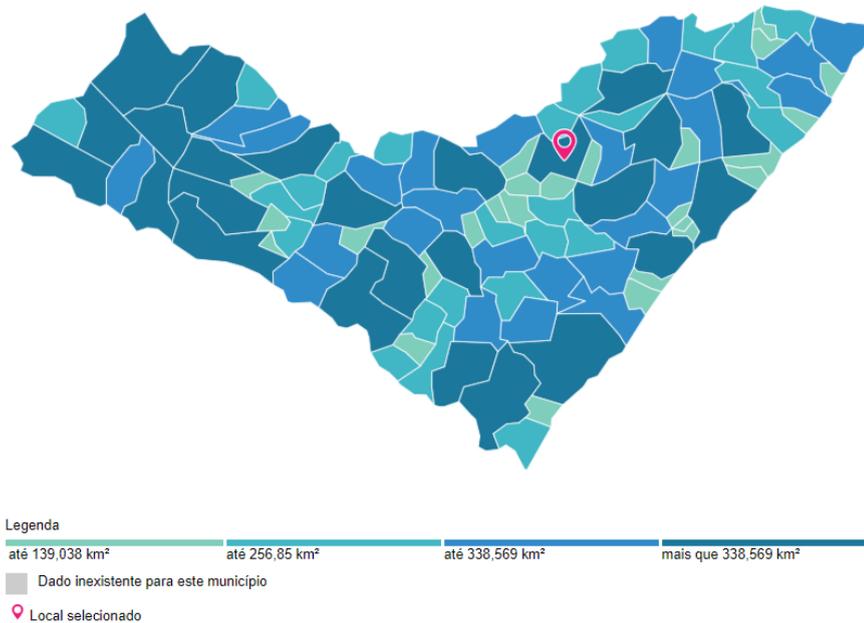
1. Introdução

No interior do Nordeste, as feiras livres se apresentam como uma forte influenciadora econômica nos municípios. Habitualmente acontecendo um dia na semana, elas trazem movimento para as cidades e permitem do meio urbano com o rural, além de ser um local de alta relevância cultural, agregando saberes e modos de fazer desenvolvidos por quem participa e organiza.

Todas as sextas, no município de Viçosa, parte da Avenida Firmino Maia é isolada para a organização da feira, que se inicia ao amanhecer de sábado. Auxiliares e comerciantes comparecem ao local para montar os ambientes de trabalho, para no dia seguinte pela manhã aguardar os clientes que virão comprar os seus produtos: mercadorias pecuárias e granjeiras, artesanatos, hortaliças, verduras, frutas, pescados, grãos, doces artesanais, dentre outros. Ao lado direito da praça há um Mercado Público de carnes e grãos e na lateral esquerda três galpões que complementam os espaços da feira.

O município de Viçosa está localizado no estado de Alagoas, na região da Zona da Mata, área compreendida como Vale do Paraíba, e se estende por 343,4 km² (Cidade Brasil). Segundo o censo do ano de 2010 no IBGE a cidade conta com 25.733 habitantes e está há 86km da capital, Maceió.

Figura 01: Mapa do estado de Alagoas com a indicação da localização do município de Viçosa.

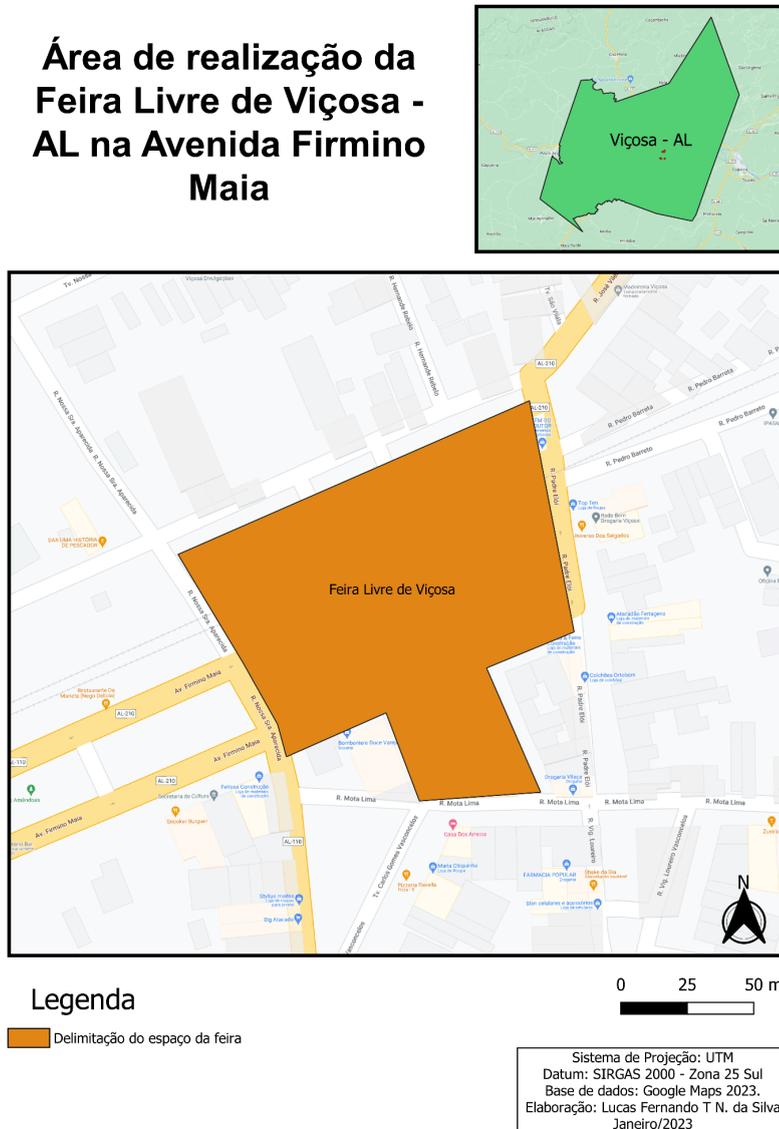


Fonte: IBGE, 2022

A Feira de Viçosa une saberes, formas de expressões e conexões entre os habitantes da cidade. O momento em que ocorre a feira é único e aguardado por todos em todas as semanas. É evidente o grande movimento de pessoas em todas as partes da cidade em destino a feira, além dos que se deslocam dos povoados e cidades vizinhas, modificando a dinâmica urbana da cidade, que difere os dias de calma durante a semana.

A feira é lugar de conflitos, das crianças que conduzem carrinhos-de-mão entre restos, pernas e lama. São a materialização de formas de vida rodeadas por este contexto de trabalho árduo, que extrapola os bastidores da feira e instigam a pensar as suas próprias fronteiras [...]. (CERQUEIRA e SILVA, 2022).

Figura 02: Mapa de delimitação do espaço de realização da Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Google Maps, 2023. **Edição:** Autor, 2023..

O local agrega comerciantes tradicionais da cidade, que desempenham suas funções durante anos, conhecidos por todos os frequentadores assíduos da feira. Compreender o comportamento da feira na paisagem da cidade, contribui para a percepção da mesma, nos fazendo entender como ela se organizava no decorrer dos tempos, se organiza e sua importância para o município.

Figura 03: Vista da Feira Livre de Viçosa na Avenida Firmino Maia.



Fonte: Atylla Bezerra, 2018.

Sabendo da alta relevância da feira livre para com a cidade e que existem recorrentes mudanças no espaço físico dela, bem como transformações nos modos de execução do evento, este trabalho se conduz com o objetivo de dirigir estudos sobre a evolução histórica da feira, a sua relação com a paisagem da cidade, suas identidades e mudanças ocorridas no decorrer dos anos de acontecimento, atuando como um registro de memória do uso desses espaços.

As análises da paisagem da feira se conduziram a partir de reflexões de referenciais teóricos que descrevem a Feira de Viçosa (como Wanderley, Aragão e Vasconcelos) e de teóricos de contextualizam a evolução das feiras no Brasil (como Mascarenhas, Charlene, Araújo e Bonamichi), suas relações com o varejo moderno, as paisagens, territórios, territorialidades, espaços e transformações, lugares, identidades e memórias, com o intuito de encontrar as permanências e mudanças ocorridas no decorrer dos anos de acontecimento a partir do modo comparativo, tornando um registro de memória sobre o uso desses espaços.

Para identificar as transformações ocorridas na paisagem da feira, houve dois tipos de investigação: As transformações ocorridas na organização do espaço, ou seja, como os feirantes arrumam e setorizam as barracas no espaço da avenida e se

existe uma constância de padrão de esquematização delas; e as mudanças identificadas nas práticas de comércio e produtos. Para este caso, pela semelhança precisa da descrição da Feira Livre de Viçosa na década de 1970 pelo escritor Sidney Wanderley com a canção “feira de mangaió” composta por Sivuca e Glorinha Gadêlha na mesma década e eternizado na voz de Clara Nunes, onde relata experiências vividas em feiras livres do interior do Nordeste, foi escolhido o método comparativo da etnolinguística da música com a paisagem da Feira de Viçosa, para reconhecer traços permanentes, alterados e esquecidos dela.

Portanto, no primeiro capítulo será feito um estudo sobre os primórdios das feiras livres e suas tradições no Brasil, procurando mostrar a importância da feira em diversos âmbitos, sejam eles sociais, econômicos ou culturais. Ademais, será abordado a trajetória da Feira Livre de Viçosa - Alagoas, como local de expressão social, cultural e de variadas formas e os processos de modernização do varejo brasileiro. Além disso, discutiremos a origem e desenvolvimento urbano da cidade de Viçosa, destacando os deslocamentos da feira durante os mais de 100 anos de existência.



1. A FEIRA LIVRE NA HISTÓRIA

As feiras modificam a paisagem da cidade em questão de horas, os comerciantes organizam seus produtos em barracas de venda improvisadas, criando pequenas ruas habitualmente nas praças, seguindo uma dinâmica originada pela prática recordada pelo tempo.

As feiras livres se configuram como instrumentos de atividades socioeconômicas e culturais das cidades. Visitando estes espaços é possível perceber o cotidiano das pessoas e a dinâmica das cidades (SILVA, 2021). As feiras reúnem multidões de diversas formas e são importantes espaços sociais, que vão além das atividades comerciais, estabelecendo redes de sociabilidades (MORAIS, 2006,). Segundo Silva (2021) Por não constituírem, muitas vezes, um espaço potencialmente econômico e lucrativo, as feiras são ignoradas pelas políticas públicas.

Ainda assim, os feirantes resistem a mudanças de tempo, às diferenças e transições de locais (SILVA, 2021, p. 25). Vale destacar que nas feiras as frias relações de troca de moeda e mercadorias das formas modernas de comércio de alimentos dão lugar a relações informais mais próximas envolvendo não apenas mercadorias, mas também sociais e de saberes (BONAMICHI, 2013, p. 11). Por essas e outras que estes espaços compartilham identidades que caracterizam os cidadãos das cidades.

[...] Podemos perceber na feira o cotidiano da população e a forma como a cidade se movimenta. Ela é carregada de simbologias, de pertencimento de grupos e de apropriação de espaços. (SILVA, 2021, p. 25).

Segundo Lewis Mumford (2004), as referências mais antigas sobre a origem das feiras são de pelo menos 2000 a. C., com os mercados nas praças abertas ou bazares cobertos, as ruas de barracas e os comércios dentro dos templos sagrados, que funcionavam como espaços de manutenção de trocas de produtos. Mas, ainda assim, há incertezas acerca do surgimento deste movimento. Para Fernand Braudel (2000) o que motivou a permanência da cultura da feira durante os séculos, foi a procura de produtos perecíveis frescos e o custo baixo das mercadorias.

Sendo vista como uma organização de troca comercial, as feiras iniciaram com o renascimento da atividade comercial na transição da Idade Média para a

Idade Moderna. No entanto, autores como Mumford (2004) mostram que o principal fator foi a geração de excedente de produtos rurais e população para disponibilizar aos negócios a riqueza necessária à sua expansão (DANTAS, 2008).

Sabendo que este período se passa em uma fase da sociedade em que a economia funcionava a base do feudalismo, se faz necessário a compreensão desse sistema relacionado às formas de troca de produtos. Um dos fatores mais importantes no funcionamento da economia feudal europeia foi seu caráter principalmente agrário e conectado internamente, com pouco desenvolvimento de relações comerciais e pouco uso de capital. Então, se reconhecia o fato de que havia uma economia de consumo nas comunidades que produzia e necessitava do consumo de seus próprios produtos e, portanto, era considerada autossuficiente (HUBERMAM, 1979 apud DANTAS, 2008).

A autossuficiência é um dos principais fatores que explicam o baixo desenvolvimento comercial nesse período. Isso acontecia porque a falta de necessidade de trocas comerciais, não exigia a produção de remanescentes em escala maior, ou seja, o meio rural se torna o detentor da matriz das riquezas. (DANTAS, 2008).

De acordo com Dantas (2008), houve um momento em que começaram a existir excedentes regulares de produção, e isto permitia a troca destes produtos, resultado do desenvolvimento das forças produtivas. Esta ação ocasionou no surgimento da imagem do comerciante e a atividade comercial, logo, o aparecimento das feiras como instituição voltada à troca de produto se dá a partir destas ocasiões.

Sendo assim, as feiras estabelecidas pelos comerciantes tornaram-se importantes centros de desenvolvimento urbano. Aconteciam principalmente em centros populacionais localizados em torno de castelos ou mesmo de cidades muradas autogovernadas, chamadas de burgos. No início, as feiras medievais realizavam o comércio de forma local, mas com o tempo adquiriram uma abrangência geográfica maior, recebendo e comercializando produtos da Europa, África e Ásia (SILVA, 2021).

No Brasil, com a chegada dos colonos portugueses, os Tupinambás começaram a comercializar produtos nativos, inicialmente animais e logo depois o pau-brasil. Foi em razão da presença dos povos indígenas próximos ao litoral que o uso e o comércio da madeira brasileira se desenvolveram amplamente, pois os índios iam para a mata em busca de madeira para ser trocada (DANTAS, 2008).

A primeira menção à criação de uma feira no Brasil remonta ao ano de 1548, quando D. João III, mandou, através do Regimento enviado ao Governo Geral, que fosse reservado um dia de cada semana no mínimo para a realização de feiras (DANTAS, 2008).

Após a decisão de criar as feiras, elas não foram implementadas de forma instantânea. Depois de 40 anos do primeiro regimento, foi encaminhado para o governo da Bahia outro documento, ordenando a realização de feiras nas capitanias para que os gentios pudessem vender o que tivessem e comprar o que precisassem (MOTT, 1975 apud SILVA, 2021).

O comércio ainda reduzido na época colonial era organizado em torno de dois pilares principais pelos quais se mantinha a organização social e econômica da colônia: o primeiro através de muitos engenhos de cana-de-açúcar e o segundo através de algumas vilas e cidades que eram porto de embarque para a produção de açúcar (DANTAS, 2008). Vale ressaltar que a cidade de Viçosa tem como manufatura principal em sua criação o cultivo de cana-de-açúcar e o algodão (fator que provocou a exploração do território). No século XIX, as feiras livres já se encontravam estabelecidas nas ruas, colocando à venda produtos básicos de alimentação (SILVA, 2021).

1.1 As feiras no Nordeste brasileiro

No nordeste do Brasil as feiras livres atuam como um instrumento importante nas funções socioeconômicas da região, pelo fato de ser um dos indispensáveis modos de comercialização da produção agrícola, sendo também o mercado de abastecimento mais importante em algumas regiões. A pecuária é uma das atividades econômicas que mais contribuíram na ocupação do espaço territorial.

O princípio da maior parte das feiras livres encontradas no Nordeste do Brasil se deve ao expressivo comércio de gado existente nos séculos XVIII e XIX. A pecuária foi responsável pela estabilização populacional nas regiões do Agreste e Sertão nordestino, concebendo a criação de vínculos comerciais, inicialmente focados no comércio de gado, que mais tarde se transformou nas feiras livres (DANTAS, 2008, p. 92.)

Desde os primórdios da colonização, a pecuária foi uma atividade subsidiária à cana-de-açúcar, servindo, principalmente, como fornecedora de animais para serem utilizados como força de trabalho, já que os

engenhos eram quase sempre movidos a tração animal e que o transporte, tanto da cana como do açúcar era realizado por animais, ou como alimento para a população que se estabelecia na colônia.

Ainda na fase colonial brasileira, nos entornos das regiões de cultura de cana-de-açúcar que não eram favoráveis ao plantio, estas práticas eram substituídas pela criação de gado (ANDRADE, 2005, apud DANTAS, 2008), no entanto, à medida que começara a explorar e estabelecer povoações mais distantes da costa, a atividade criatória tornou-se mais ativa. (DANTAS, 2008).

Andrade (2005, apud DANTAS, 2008, p. 93) afirma que “quem conquistou para o Nordeste a maior porção de sua área territorial” foi a atividade criatória. De acordo com Pazera Jr. (2003) o que contribuiu para a criação de gado no interior no Nordeste foi a necessidade de abastecer as regiões açucareiras litorâneas, com transporte animais, além dos holandeses no século XVII, que fizeram com que os fazendeiros deixassem o litoral para o interior por temerem que ladrões levassem os seus alimentos (DANTAS, 2008, p. 93):

O sertão do Nordeste foi integrado na colonização portuguesa graças movimentos populacionais e pela expansão das áreas de criação do gado, tendo sua origem em dois pólos: Salvador e Olinda.

Salvador foi o local de partida da primeira e mais considerável itinerário de introdução no interior do Nordeste. Inicialmente, as primeiras ocupações foram feitas no norte da costa baiana e sergipana, após estas apropriações, desbravaram a margem direita do Rio São Francisco, e posteriormente, os sertões de Pernambuco, Piauí e Maranhão. (ANDRADE, 1979 apud DANTAS, 2008).

Durante estes percursos, as tropas paravam para repousar e o gado ganhar peso. Estas regiões deram a possibilidade para a fixação dos primeiros assentamentos e vilas, muitas delas ao longo do curso dos rios, onde os colonos se instalavam e praticavam a agricultura de pequena escala para promover o sustento e realizar um comércio ainda primitivo para atender as necessidades básicas. (ANDRADE, 1979 apud DANTAS, 2008). Característica geográfica muito semelhante com a cidade de Viçosa.

As fazendas estabelecidas nessas áreas eram caracterizadas pela autossuficiência, isso significa que elas produziam o necessário para atender a demanda de sua população, ou seja, não existiam comércios claramente definidos, e quando havia o interesse de obter algum produto não existente na comunidade, a

negociação era feita através da troca, como é o caso da farinha e o algodão (DANTAS, 2008).

A criação de numerosas fazendas de criação de gado ao longo dos vales dos rios, juntamente com as passagens abertas pela intensa movimentação das tropas, permitiu a implantação de centros ativos de comércio de gado. Além deste, outros pequenos produtores migram para esses locais para vender seus produtos. (DANTAS, 2008).

Como resultado da movimentação ocasionada pelas trocas de gado no interior do Nordeste, formaram-se pequenos aglomerados populacionais, onde pequenos agricultores com a sua produção trocavam por outros produtos, onde acabavam se estabelecendo em praças. Essas praças formadas pelo comércio de gado fizeram nascer as feiras livres, um forte instrumento econômico que possibilitou o desenvolvimento urbano dessas regiões. (DANTAS, 2008). Não se tem relatos sobre a feira livre de Viçosa ter compartilhado espaço com o comércio de gado, somente de pássaros.

O Nordeste até certo tempo, mais precisamente a região do Sertão, esteve isolada, contando com sua própria capacidade econômica para resolver as dificuldades (STRAUCH, 1952). Para Strauch (1952), os costumes sertanejos permanecem inalterados, devido à falta de contato com outras culturas. Mas é importante compreender que mesmo com o contato direto de uma cultura sobre outra, há situações em que as identidades culturais de um território não se deixam influir, pois existem espaços que possuem características únicas e singulares, que denotam a culturalidade daquela população. O autor coloca que as feiras fazem parte desse processo de reflexão do chamado “espírito tradicional”, como coloca:

[...] As feiras são antes de tudo o reflexo deste espírito tradicional. [...] elas guardam todos os processos comerciais, ainda da época do Brasil-Colonial. (STRAUCH, 1952, p. 101).

Strauch (1952), destaca que estes mercados de gado que surgiram estavam localizados em cidades entre o litoral e o interior, e para ocorrer estes comércios era necessário um ponto de convergência para o deslocamento destes animais a serem comercializados, interessando ao sertão (área produtora) e o litoral e a mata (zona de consumo).

O mesmo autor destaca ainda que estes mercados de gado que surgiram, estavam localizados em cidades entre o litoral e o interior, e para ocorrer estes comércios era necessário um ponto de convergência para o deslocamento destes animais a serem comercializados, interessando ao sertão (área produtora) e o litoral e a mata (zona de consumo). (STRAUCH, 1952).

Com o desenvolvimento dessas feiras, inúmeras outras foram organizadas, classificadas de feiras secundárias ou feiras satélites. No caso de Viçosa, além da feira livre que ocorria na cidade, nos antigos povoados de Chã Preta e Pindoba se desenvolviam feiras mais reduzidas, ou seja, satélites à feira central da cidade. Estas feiras tinham o objetivo de recolher o gado das áreas mais restritas, abastecer as regiões em que se localizavam, e os excedentes seriam encaminhados para as feiras principais. (ANDRADE, 1991 apud DANTAS, 2008).

Faz-se relevante evidenciar que as transformações no sistema de transporte de animais após a década de 1950 são apontadas como condicionante mais importante para o declínio das feiras de gado no interior nordestino (MAIA, 2006 apud DANTAS, 2008). A realização das negociações de gado passa a acontecer nas áreas produtoras, reduzindo o tempo de transporte de animais e aumentando os lucros dos fazendeiros e compradores. (DANTAS, 2008). Mais adiante será destacado uma imagem da Feira Livre da cidade de Viçosa do ano de 1950, onde ainda neste momento nota-se a presença de transporte por tração animal e ausência de transporte automotor.

O sistema de comércio regional é reestruturado, devido a essa diminuição dos comércios de gado, e a carne passa a chegar as feiras já abatida, logo, as feiras deixaram de ser o espaço do comércio de gado. O número de comerciantes aumenta para vender suas produções, e assim o dia da feira “torna-se o dia de maior movimento da cidade, onde se dá o verdadeiro encontro entre a vida rural e urbana”.(DANTAS, 2008, p. 9).

Com o declínio do comércio de gado no interior, as poucas feiras de gado existentes, encontram-se separadas das feiras livres (DANTAS, 2008). Na cidade de Viçosa atualmente não se realiza a feira de gado. No estado de Alagoas como um todo, existem poucos exemplares deste movimento, um deles é a feira de gado da cidade de Dois Riachos, considerada uma das maiores da região.

Figura 04: Feira de gado da cidade de Dois Riachos – Alagoas.



Fonte: Edivaldo Junior, 2018.

A principal função da feira nordestina, hoje, é de ser o centro da produção agrícola regional ou um centro popular de abastecimento. A feira nordestina é um espaço no qual as pessoas efetuam seus planos de sustento, vendendo seus produtos, especialmente alimentícios, na forma de varejo, convidando pessoas de patamares sociais diversos. Logo, a feira assume um papel de destaque nos dias em que acontece, às vezes sendo difícil distinguir o quanto a feira depende da cidade, ou o quanto a cidade depende da feira, obtendo relevância regional e urbana. (ARAÚJO; RODRIGUES, 2004 apud DANTAS, 2008).

Em todo território nacional podemos encontrar exemplos de feiras que denotam a cultura das cidades e expressam a verdadeira identidade regional (SILVA, 2021). Os maiores exemplares de feiras tradicionais no Brasil são: a feira da cidade de Caruaru, no estado de Pernambuco, e a feira de Campina Grande, no estado da Paraíba, ambas hoje, registradas no Livro de Registro dos Lugares do IPHAN¹.

A ocupação da cidade de Caruaru surgiu a partir do trânsito entre mascates, boiadeiros e tropeiros que faziam as suas vendas percorrendo o estado de Pernambuco, e repousavam na antiga Fazenda Caruaru. Posteriormente estas relações sociais foram se consolidando ao local e iniciou-se um comércio de itens e serviços ligados ao gado, que atualmente se constitui a feira, chegando a receber

¹ A Feira de Caruaru foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares do Patrimônio Nacional no ano de 2006. (IPHAN, 2006). A Feira de Campina foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares do Patrimônio Nacional no ano de 2017. (IPHAN, 2017).

um público de até 100 mil pessoas em dias de alta movimentação (SILVA, 2021). A fundação da cidade de Campina Grande se assemelha à mesma forma de construção da cidade de Caruaru. Quanto ao município de Viçosa também existe uma certa semelhança em sua fundação a partir do trânsito de pessoas, mas o que difere das cidades citadas, é que os primeiros relatos desses tráfegos são de romarias e agricultores à procura de solo fértil para a cultura de algodão.

Ainda que estas feiras possam ser protagonistas das relações sociais e culturais de uma cidade, a feira é vista por boa parte da sociedade como espaço de “pobre” e de “sujeira” conforme se atesta na citação de ARAÚJO, 2011 p.30, lugar marginalizado, de ladrões e mendigos:

[...] a feira é considerada espaço de “pobre e de sujeira”, o qual, desde a sua formação, sempre foi visto como “(...) lugar de marginais, de prostitutas, de jogadores, saltimbancos, ladrões e mendigos”. Entretanto, contrariando essa concepção preconceituosa, nos dois lados do Atlântico, desde os primórdios, foi montada uma estrutura administrativa no entorno das feiras como forma de controle e lucro por parte do Estado, o que evidencia a importância que tais instituições sempre tiveram. Facto que se repete na atualidade com as reformas urbanísticas dirigidas pelo Estado para a continuidade das feiras, bem como as estratégias de mudança e sobrevivência dos feirantes [...]. (ARAÚJO, 2011, p. 30).

Por essas e outras questões que comumente o Estado procura manter o controle e dominação sobre esses espaços, aplicando intervenções agressivas sem o consenso de feirantes e minimizando suas opiniões. Falando sobre a feira de Viçosa, essas intervenções são bastante evidentes no espaço em que a ocorre e serão vistas no decorrer do trabalho.

Ainda no que se refere à feira de Campina Grande, com a justificativa de melhorias no saneamento, higienização de espaços públicos e combate a atividades de prostituição, houve a tentativa de realocação do local da feira (SILVA, 2021), contudo essa mudança de espaço não foi suficiente para o controle do poder público, pois novas centralidades eram criadas e a paisagem do entorno transformada em um lugar diverso. Wanderley (2014) descreve algumas ações por comerciantes da Feira Livre de Viçosa na década de 1970 como anti-higiênicas, como por exemplo a navalha de corte de ²cabelo que “jamais era higienizada” e um copo d’gua compartilhado para diversas pessoas.

² Dom Pedro Fernandes de Sardinha foi devorado pelos índios caetés no ano de 1556, que foram extintos em 5 anos de batalhas pelo governo português e a igreja.

1.2 A trajetória da Feira Livre da cidade de Viçosa

Para entender o processo de desenvolvimento da Feira Livre da cidade de Viçosa, é fundamental o conhecimento da história da cidade, como ela surgiu e sua relação com a trajetória da feira. Estas informações foram levantadas a partir de pesquisa de campo de referências nos acervos do Arquivo Digital de Viçosa (produzido por Júlio Caio Vasconcelos), Grupo RELU-UFAL e Arquivo Público de Alagoas, que descrevem a feira livre e a própria cidade. Estes referenciais são fruto de pesquisas de autores viçosenses de diversas épocas.

No passado a região que compreende o município de Viçosa, foi habitada pelos índios caambembes, subtribo dos caetés² (TICIANELI, 2016). Depois da ocorrência da morte do primeiro bispo do Brasil, pelos caetés, estes indígenas foram severamente perseguidos pelo exército de Jerônimo de Albuquerque. Com estes movimentos de perseguição, os caetés que conseguiram escapar, se deslocaram para as regiões do sertão (TICIANELI, 2016).

Segundo Ticianeli (2016), após o esvaziamento dos índios caetés na região, começou-se a ocupação da área por quilombos, que compreendia os vales do Paraíba e Mundaú, estendendo-se da nascente desses rios até algumas léguas do lago (posteriormente, Riacho do Meio) e se espalhando para o norte por toda a extensão das chamadas “matas bravias”, até as fronteiras do atual estado de Pernambuco. (TICIANELI, 2016).

As ocupações aconteciam em áreas onde a terra era mais fértil, abundantes em palmeiras e caças. Se procurava também espaços que serviam geograficamente como barreiras naturais para impedir o acesso das tropas (TICIANELI, 2016).

Em 1694, os quilombos foram invadidos pelas forças da “tríplice aliança” dirigida por Bernardo Vieira de Melo, Domingos Jorge Velho e Sebastião Dias de modo que os territórios tomados foram repassados a eles pela corte portuguesa (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 1931). Alfredo Brandão (1914) esclarece em seu livro “Viçosa de Alagoas” que Zumbi dos Palmares teria sido morto na região dos quilombos da atual Viçosa, na serra Dois Irmãos. Alguns negros capturados foram perdoados e os mesmos puderam continuar a viver na região, nos mocambos Sabalangá, Mata Escura e Barra da Caçamba, que posteriormente tornaram-se povoações (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 1931).

Brandão (1914), afirma que o Riacho do Meio como condicionante à origem da cidade de Viçosa, teve suas primeiras povoações oriundas de propícia configuração geográfica. O autor ainda coloca que em todos os anos nos tempos natalinos, um padre seguia da cidade de Atalaia para uma freguesia chamada Passagem, em Quebrangulo. Em uma das vezes devido ao nível elevado das águas do riacho, o padre não conseguiu realizar a passagem, escolheu um oiteiro, cortou a madeira fazendo uma cruz e ali mesmo celebrou a missa. A cruz instalada por este padre atraiu muitos romeiros, que mais tarde começaram a habitar a região.

Após essas passagens de romarias pelo território, no ano de 1790, um agricultor por nome de Manoel Francisco, da Villa das Alagoas (atual Marechal Deodoro), se deslocou a mando de José de Mendonça de Mattos Moreira, a fixar residência no sítio Riacho do Meio, com a finalidade de examinar a cultura do algodoeiro (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 1931).

Manuel Francisco, derrubou as florestas e construiu um roçado no vale, próximo ao local onde hoje se localiza a praça Apolinário Rebelo, em seguida levantou uma capela de madeira, que hoje está a igreja de Nossa Senhora do Rosário. No lado esquerdo desta igreja, se desenvolveu um conjunto de casas alinhadas, também em madeira (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 193).

O fundador de Viçosa morreu no ano de 1839, em extrema pobreza, na Mata Escura. No vale onde está localizada hoje a praça Apolinário Rebelo, antigos mulungus, canafístulas, cajazeiras e outras árvores foram sacrificadas, para Manuel realizar o plantio das suas primeiras lavouras (SÁ, 2001).

Algum tempo depois, esses roçados foram sendo substituídos por um casario que se expandia pelas adjacências do sítio e arredores do riacho. O rio foi um fator de forte influência para a instalação de moradias na região, devido a facilidade de se obter líquido para o consumo. Assim, os caminhos que margeiam o rio foram tomando feições urbanas, e foi chamado de Riacho do Meio (SÁ, 2001).

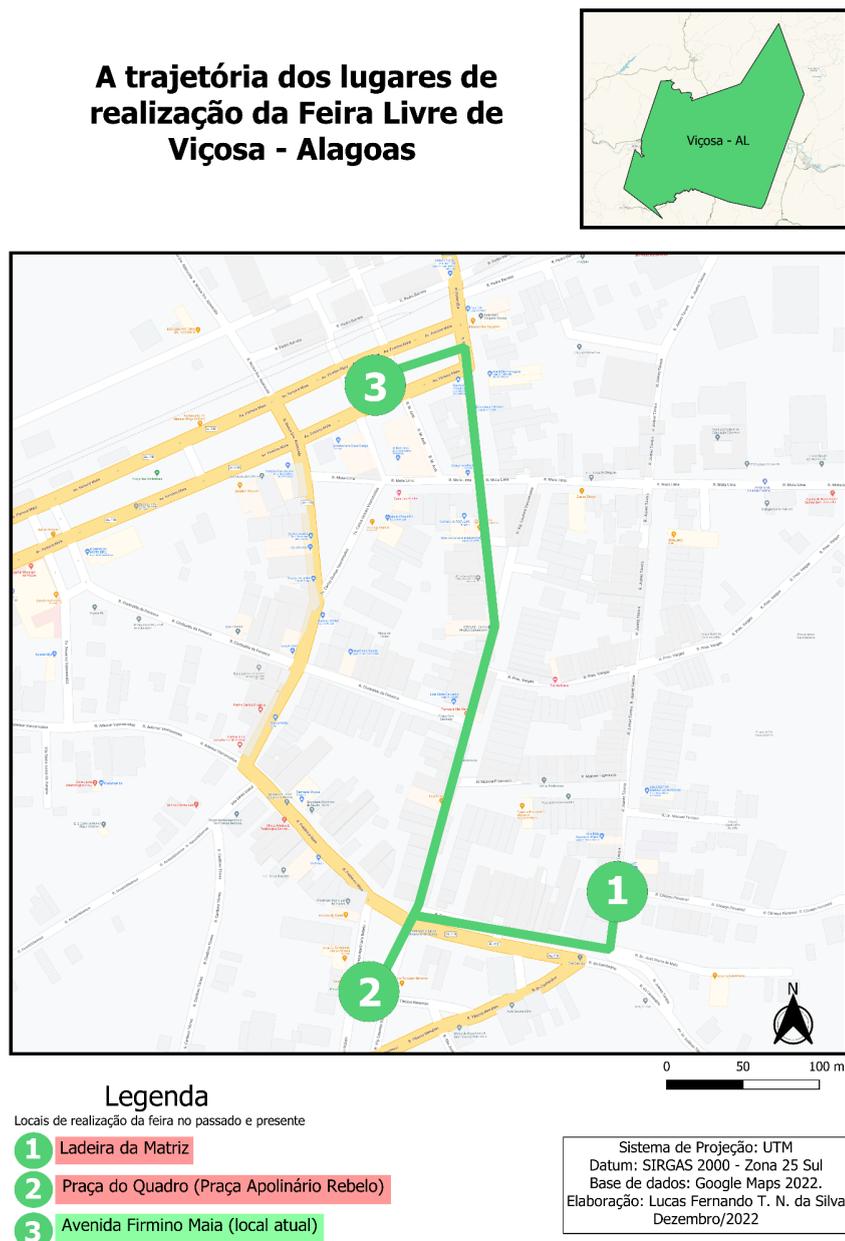
A localidade ganhava um desenvolvimento notório, sobretudo pela generosa terra fértil para o plantio. O que só se limitava a atual Praça Apolinário Rebelo e as margens do Rio Paraíba, lograva-se para o norte e ao oeste.

A primeira feira de Viçosa se instaurou nas imediações do alto do jacarandá, próximo a subida que dá acesso ao antigo Hospital Nossa Senhora da Conceição (Ladeira da Matriz), atual Rua Dr. José Maria de Melo (VASCONCELOS, 2021). É o que afirma José Aragão (1949) em seu livro Saudação Noturna (página 50):

Salve feira de Viçosa. Feira que traz de tempos remotos doces recordações, com aquela agitação dos nossos avós subindo e descendo o alto da igreja de d. Maria Fiusa aos crentes do antigo Riacho do Meio. [...]

Salve feirinha que se espalhava em torno do centenário pé de jacarandá, que ainda hoje existe, localizado lá em cima, perto do antigo caminho que dava acesso ao Hospital.

Figura 05: Mapa dos locais onde a Feira Livre de Viçosa aconteceu e local atual.



Fonte: Google Maps 2022. **Edição:** Autor, 2022.

Riacho do Meio já conhecia a necessidade de se tornar independente politicamente de Atalaia, caso que se sucedeu no dia 13 de outubro de 1831, elevando-se à categoria de vila. A vila de Riacho do Meio passou a se chamar Vila de Assembleia devido ao hábito dos moradores se reunirem na porta de casa para conversar sobre as plantações e coisas relacionadas à província (BRANDÃO, 1914).

Após anos de cultivo do algodão, a economia de Viçosa evoluiu para um engenho de cana-de-açúcar (BRANDÃO, 1914). O engenho mais antigo conhecido é o Bananal, fundado em 1836 pela família Carneiro da Cunha. Em 1840, o português José Martins Ferreira construiu o engenho Boa Sorte e, em 1846, Pedro José da Cruz Brandão criou o engenho Barro Branco. Em 1890 existiam mais de 70 engenhos, com alguns movidos a força animal e muitos com máquinas a vapor (BRANDÃO, 1914, p. 67).

Aragão (1949) apresenta que o abastecimento da feira se dava pelos produtos que eram cultivados nos engenhos da vila. Na configuração deste mercado se negociava o algodão, o feijão, a macaxeira, dentre outros produtos (ARAGÃO, 1949, p. 50).

Os meios de transportes da época eram precários, pelas péssimas condições das estradas, principalmente durante os tempos chuvosos. Depois de pedidos da Câmara Municipal da Assembleia, o governo provincial decidiu realizar obras de calçamento, o que favoreceu o comércio com Maceió (BRANDÃO, 1914).

Com a concentração do pequeno comércio localizado na Praça do Quadro (atual Praça Apolinário Rebelo), em 1840, a feira que estava localizada próxima a ladeira da igreja matriz, desce para ser realizada nesta praça. Como cita Aragão (1949) em seu livro:

Salve feira de Viçosa. Feira que traz de tempos remotos doces recordações, com aquela agitação dos nossos avós subindo e descendo o alto da igrejazinha doada por d. Maria Fiusa aos crentes do antigo Riacho do Meio.

[...]

Salve feirinha que se espalhava em torno do centenário pé de jacarandá, que ainda hoje existe, localizado lá em cima, perto do antigo caminho que dava acesso ao Hospital.

Figura 06: Ladeira da Matriz ou Rua Epaminondas Gracindo.



Fonte: Théo Brandão, 1925

A feira se organizava ao redor do cruzeiro, onde hoje está localizado o obelisco da praça. Ela ocupava todo o Quadro e se estendia até as lojas fixas que se encontravam na praça:

Salve feirinha que resolveu um dia, com o crescimento do povoado, descer a ladeira da atual Matriz, para se instalar no Quadro, "que mais parece um trapézio", no dizer de João Guadalajara.

[...]

Feira recheada dos produtos da região superintendida pelo comandante Luiz de Almeida Silva, que ia da serra dos Dois Irmãos até os limites com Garanhuns, em Pernambuco.

[...]

Feira com produtos vindos do Jenipapo, de João Barbosa de Oliveira; do Bananal, de seu Carneiro da Cunha; da Boa Sorte, do português José Martins Ferreira; do Barro Branco, de José da Cruz Brandão. (ARAGÃO, 1949, p. 50).

[...]

Salve feirinha que ocupava todo o Quadro e ainda se estendia até a Joia de fazendas do velho Graça, até a venda do Cajuzinha, carregando no bacalhau a quatrocentos réis o quilo, e até a farmácia de Neco Felix, com seus enormes vidros multicores cheios de pó e de milagres.

[...]

Salve feira que mais parecia uma festa de Ano-Bom. Feira por onde passava, merecendo respeito de chefe, o capitão Manuel Farias Cabral, vulto sempre ouvido nas questões políticas locais. (ARAGÃO, 1949, p. 51).

Figura 07: Antiga Praça do Quadro ou do Comércio, atual Praça Apolinário Rebelo.



Fonte: Viçosa de Alagoas, 1914.

O autor já apresenta a feira neste período como um local movimentado e de conflitos, com presença de atos de violência como encrencas, facadas, tiros, surras e local onde a polícia revistava os adversários políticos dos chefes da gestão pública. (ARAGÃO, 1949, p. 51):

Salve feira das encrencas, das facadas, dos tiros, das surras e da polícia a revistar os adversários políticos dos chefes da situação.

[..]

Salve feira que, de quando em vez, acabava com um cabra esfaqueado; que assistiu à carreira dada pelo Dr. Barroca, na fase mais agitada das disputas político-partidárias de sua época.

Em 1880 o movimento comercial ainda era reduzido, os negociantes, nos horários calmosos, descansavam sobre os balcões, as ruas eram pacatas e as casas silenciosas (BRANDÃO, 1914).

Nos anos 1890, comerciantes de todos os lados do estado se estabeleciam na vila, principalmente nos arredores da Praça do Quadro, as ruas aumentaram, e possibilitaram a abertura de outras, duplicando o seu tamanho originário. O valor da cana de açúcar, que era a manufatura da época do município, estava em alta. O algodão, após o açúcar, constituía o componente mais rico, que também teve alta nos seus valores (BRANDÃO, 1914). A feira neste período ainda ocorria na mesma praça.

Nos dias em que ocorria a feira livre na Praça do Quadro, os comerciantes, donos dos estabelecimentos comerciais nos arredores da praça, colocavam seus produtos para serem vendidos na feira. No Álbum do Centenário de Viçosa, é apontado que estes comerciantes vendiam seus artigos para os roceiros.

Quase todos os lojistas daquela época, mandavam para a feira, no pateo do «Quadro», actual praça Apollinario Rebello, os seus principaes artigos de commercio que éram vendidos aos roceiros, promiscuamente. (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 1931 p. 95).

Em 25 de novembro de 1890, o coronel Pedro Paulino da Fonseca, pelo decreto nº 46, denominou a Vila de Assembleia para Vila de Viçosa (BRANDÃO, 1914).

No ano de 1891 foi inaugurada a via férrea de Viçosa, sendo considerado por Brandão como o verdadeiro progresso da Viçosa (BRANDÃO, 1914).

Figura 08: Estação ferroviária de Viçosa - AL em 1909.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2021.

Em 1892, o governador do estado de Alagoas, general Gabino Bezouro, elevou Viçosa à categoria de cidade numa assembleia que aconteceu no dia 16 de maio do mesmo ano (BRANDÃO, 1914).

Com o advento da linha férrea, o comércio da vila começou a se transformar e voltar-se para a direção da estação ferroviária, então, o gestor da época, Frederico Maia, resolveu transferir a feira para as imediações da estação, o chamado pátio da “Bica da Estação” contando com um espaço maior e instalando um mercado público fixo. Ele acreditava que tal intervenção traria mais benefícios à vila

(VASCONCELOS, 2021). José Aragão (1949) relata esta fase de transição, classificando a nova feira como “mais luxuosa” e “mais escassa”:

Salve feira de Viçosa que se mudou um dia para o pátio da Bica da Estação. Feira que se tornou mais luxuosa, porém mais escassa [...] (ARAGÃO, 1949, p. 51).

No dia 3 de dezembro de 1897 foi inaugurado o Mercado Público Municipal de Viçosa, que funcionava como um armazém de produtos do comércio da cidade. (VASCONCELOS, 2021). O principal transporte de uso dos comerciantes e dos compradores para carregamento das mercadorias e que compôs a paisagem neste tempo foi o carro de boi. (ARAGÃO, 1949).

Figura 09: Mercado Público Municipal de Viçosa em 1914.



Fonte: Viçosa das Alagoas, 1914.

Como pode ser observado na imagem de 1914 por Alfredo Brandão, o entorno do Mercado Público ainda nesta época não possuía calçamento e a feira acontecia nesta superfície. A estrutura desse período foi edificada em estilo arquitetônico eclético, com as aberturas em arcos e frontões na fachada principal.

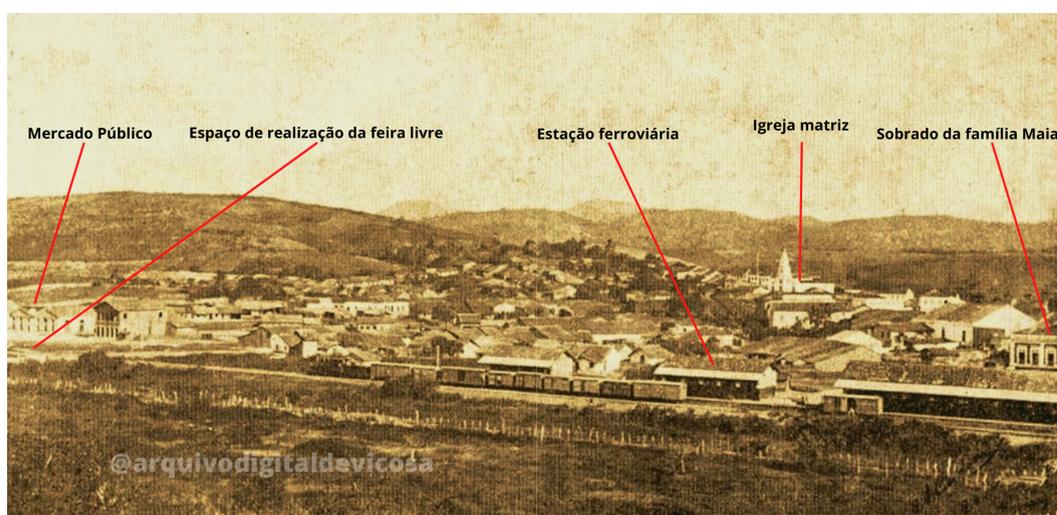
A via era composta pela linha férrea, o mercado público, o pátio da Bica da Estação e algumas edificações, a maioria de uso comercial, com armazéns, farmácias e botequins.

No dia 16 de maio de 1892, o governador de Alagoas, General Gabino Bezouro, elevou Viçosa à categoria de cidade.

Além da feira central que ocorria todas as quartas-feiras e aos sábados, existiam três feiras secundárias que aconteciam nos povoados de Pindoba, Chã Preta e Bananal, aos domingos (TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, 1931).

Atualmente, Pindoba e Chã Preta são emancipadas do município de Viçosa, sendo eleitas à cidade respectivamente no ano de 1957 e 1962.

Figura 10: Vista panorâmica da cidade de Viçosa - AL em 1908.



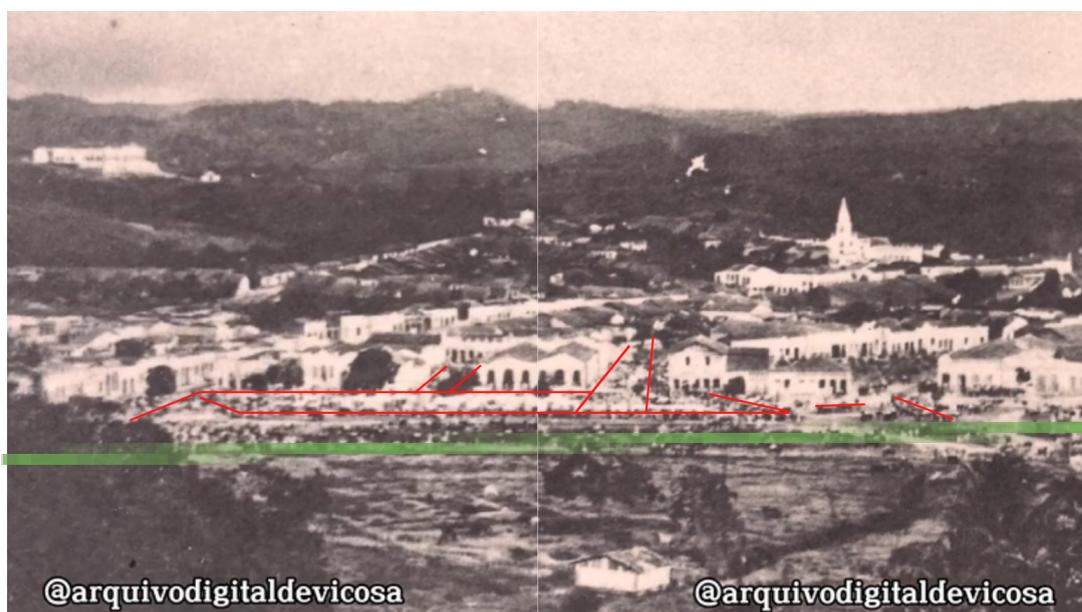
Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2022.

Na imagem acima, que mostra a Avenida Firmino Maia, junta com a estação ferroviária em 1908; é possível observar resquícios de uma singela vida urbana que se mescla com a paisagem rural. As construções são de maioria térrea e poucos são os sobrados. Os edifícios evidenciados na paisagem que servem como marcos para a época são a estação ferroviária, o mercado público na lateral esquerda, o sobrado da família Maia na lateral direita, e ao fundo a Igreja Matriz do Senhor do Bonfim. Havia um córrego que passava na região central da via.

A partir do uso da linha férrea, a cidade ganha poder para realizar importações e exportar mercadorias para outros destinos. A chamada Great Western of Brasil Railway Company ligava Viçosa ao povoado Anel e a Quebrangulo (a partir de 1912), a Palmeira dos Índios (a partir de 1912) e Maceió (desde a implantação em 1891). (TICIANELI, História de Alagoas, 2022).

Durante o período de pesquisa do acervo histórico sobre a cidade de Viçosa, houve uma certa dificuldade em coletar dados detalhadamente cronológicos sobre o passado da feira. Não foram encontradas informações sobre a primeira metade do século XX, somente a partir do ano de 1949, mas existe uma imagem de 1929, disponível no Arquivo Digital de Viçosa, que exhibe uma vista panorâmica da feira livre sendo realizada em um dia de sexta-feira.

Figura 13: Imagem com recorte do espaço de realização da Feira Livre de Viçosa - AL em 1929.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2022. **Edição:** Autor, 2022.

A área destacada em vermelho na imagem acima representa os espaços da praça de uso da feira neste período, tendo como fator para demarcar a identificação das coberturas das barracas na cor branca. Pode ser compreendido que a feira ocupava o centro da praça, seguindo para a frente do Mercado Público Municipal, as duas laterais do mercado, seguindo para a frente da rua lateral direita do mercado e ao lado direito da imagem pode ser visto algumas barracas dispersas à maior concentração da feira. Vale ressaltar que o lado após a linha férrea (representada na cor verde) ainda não existem espaços edificados e a feira também não ocupava este espaço.

Visto que Viçosa é uma cidade que margeia um rio, o Paraíba, e que essas cidades enfrentam desde as suas constituições problemas relacionados à drenagem, que ocasionam em enchentes, no ano de 1930, foi implantado um projeto

de canalização do córrego que percorria a Avenida Firmino Maia, sistema bastante usual durante a fase do urbanismo sanitarista e que passou a dividir o espaço com a feira livre. Não há relatos registrados de alagamentos em trechos da região de ocorrência da feira, porém no futuro após a construção de galpões ao lado direito do canal para alimentar a feira, este canal juntamente com a linha férrea dividiu a feira em dois espaços da praça.

Figura 14: Trecho da obra de canalização do córrego da Avenida Firmino Maia na década de 1930.



Fonte: Acervo Digital de Viçosa, 2019.

Mesmo com estas intervenções no sistema de drenagem da cidade, não foram suficientes para conter as enchentes, que se repetiram em alguns anos, a título de exemplo foi a cheia de 1948; onde as águas do Paraíba invadiram as vias da cidade, devastando numerosas localidades (VASCONCELOS, 2022).

Figura 15: Enchente de 23 de junho de 1948 na cidade de Viçosa - AL, causando prejuízos para habitantes e infraestrutura da cidade.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2019.

Com relação ao Mercado Público Municipal, além de sua função comercial, a edificação já teve outros tipos de usos em datas comemorativas da cidade, como é o caso do centenário do município de Viçosa em 13 de outubro de 1931, que serviu como palco para uma exposição a respeito do aniversário da cidade (VASCONCELOS, 2022). Com isso pode ser compreendido que as áreas internas do mercado além da função de comércio para a feira, exerceu também para uso multieventos.’

Figura 16: Mercado Municipal de Viçosa - AL no dia 13 de outubro de 1931 com as instalações da exposição contando a história do centenário do município.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2022.

Em 1935 iniciam-se as obras das instalações da Indústria de Comércio de Algodão Anderson Clayton, uma multinacional que alcançou o título de maior do ramo no mundo, funcionando na cidade de Viçosa durante décadas (VASCONCELOS, 2022). Hoje a indústria não está mais em funcionamento na cidade e as estruturas antigas atuam como depósito para a feira, onde armazenam as barracas dos feirantes.

Figura 17: Construção da Indústria de Comércio de Algodão Anderson Clayton na Avenida Firmino Maia em 1935.



Fonte: Acervo Digital de Viçosa, 2022.

Figura 18: Espaço da antiga Indústria de Comércio de Algodão Anderson Clayton como depósito das barracas da feira.



Fonte: Acervo Luis Carlos Loureiro, 2021.

José Aragão (1949), caracterizou a feira como útil e simpática, “mais bem vestida” com retratistas e mágicos, “com senhoras vestidas de seda e cavalheiros engravatados”, ou seja, além da função comercial e de serviços a feira se torna um espaço de lazer e de encontro. Os carros de boi foram trocados por “reluzentes automóveis”:

[...] Feira que chegou aos nossos dias. Feira que agora se alastra por sobre calçamento, olhando de longe as horas no moderno relógio da avenida Firmino Maia; vendo o trem que, de vez em quando, traz um novo doutor para a cidade; observando agora, em vez de carros de boi, reluzentes automóveis que passam.

[...]

Salve atual feira de Viçosa, tão útil e tão simpática. E por que estás mais bem vestida, com retratistas e mágicos, com senhoras vestidas de seda e cavalheiros engravatados desfilando entre tuas barracas, recebe, nestas reminiscências, a "Saudação Noturna" que hoje te mando. (ARAGÃO, 1949, p. 52).

Figura 19: Feira Livre de Viçosa - AL na década de 1950.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2019.

A imagem demonstrada acima, mostra a feira livre acontecendo na região central da Avenida Firmino Maia, com barracas dispersas (o registro pode ser de final de feira), pessoas caminhando com sacolas, com crianças, pessoas conversando, pessoas comprando e negociantes atrás das barracas, juntamente das pessoas, há alguns cavalos com cangalhas presas sobre eles. Ao fundo está a estação ferroviária. Já pode ser observado a presença de calçamento na via, porém na região central pode ser notado o piso de barro com trechos com gramados.

Segundo Taveira (2020) a cangalha era muito utilizada sobre os cavalos nas feiras para transporte das mercadorias compradas (TAVEIRA, 2020).

Na década de 1960, é difícil encontrar vazios urbanos no Centro da cidade de Viçosa. Comparado a anos anteriores, há um número maior de sobrados, e o estilo arquitetônico das edificações são majoritariamente ecléticos.

Figura 20: Paisagem do Centro de Viçosa - AL no final da década de 1960.



Fonte: Arquivo Digital de Viçosa, 2022.

Na década de 1970; Sidney Wanderley (2014) faz uma descrição de como ocorria a feira naquela época e como a paisagem e os edifícios eram utilizados. De acordo com o autor, a feira inicia-se tímida, com as armações das barracas nas tardes de sexta e nas manhãs de sábado, mas já se exhibe de forma exuberante. Isso significa que nesse período a feira acontecia apenas aos sábados. No momento em que os feirantes, na sexta-feira, arrumavam os seus produtos nas barracas, os compradores chegavam para adquirir as melhores peças de carne, frutas e verduras.

Como uma grande tempestade, a feira começava timidamente a armar-se nas tardes de sexta, toda em seguida a toda, o rústico da madeira deixando-se cobrir pela proteção das fulvas lonas, para desabrochar com seu viço estonteante nas manhãs do sábado. Ainda no início da noite da sexta, enquanto experimentávamos copos de arroz-doce ou pratos de sarapatel, os mais apressados iniciavam a compra de frutas e verduras e escolhiam as melhores peças de carne [...] (WANDERLEY, 2014, p. 29)

No ano de 1970, o prefeito Aloísio Vasconcelos em sua gestão (1973-1977) idealizou o projeto de implantação de três galpões para servirem de anexo à feira (WANDERLEY, 2014). O Mercado Público Municipal entre os anos 1960-1970 passou por diversas intervenções, a maior delas no segundo mandato de Aloísio (1973-1977), com a demolição da estrutura antiga e a construção de um novo mercado (VASCONCELOS, 2021). Como já mencionado, a construção desses galpões aumentou o espaço da realização da feira, existindo duas barreiras que

dividiam a feira em dois lados, o lado da praça central da Avenida Firmino Maia e o lado dos galpões após o canal e o trilho. Esta travessia é realizada por intermédio de pequenas pontes.

Wanderley (2014) em sua fala, diz que pessoas madrugaram no sábado para disputar os "raros e caros" ovos de galinha de capoeira. O Mercado Público se dividia em dois lados, um para o comércio de carnes e o outro para a venda de milho, feijão, arroz, farinha, fava e açúcar, fumos de rolo (trazidos de Arapiraca) e manteigas, queijos e coalhos (trazidos de Quebrangulo).

Nos galpões instalados na lateral do pátio central da feira existia uma setorização de produtos a serem comercializados, no primeiro galpão poderia ser encontrado: bananas, melancias, jabuticabas, cajus, uvas, laranjas e jacas, maçãs, mangas rosa e espada, mamões. Wanderley (2014), caracteriza estes produtos entre baixas e altas qualidades. No segundo galpão: coentros, tomates, alhos, alfaces, cebolas, repolhos, pimentões, pimentas, pepinos, quiabos, maxixes, repolhos, chuchus, cenouras, abóboras e jerimuns. O terceiro galpão comercializava: macaxeiras, batata-doce, inhame, partes de porco, partes de boi e tripas e fígados de bode (WANDERLEY, 2014).

[...] ao lado das bananas amadurecidas à base de carbureto e das melancias que algum pé distraído de algum transeunte desastrado conver-
tia numa lama rubra salpicada de caroços negros. Jabuticabas e cajus
sedutores, uvas e maçãs de ter. ceira qualidade, mangas rosa e espada,
mamões avantajados, laranjas mal empilhadas, jacas moles e duras que
convertiam as mãos dos gulosos em cascos de ungulados [...] coentros,
tomates, alhos e alfaces em profusão, cebolas e re polhos de um roxo
fúnebre, pimentões, pimentas e pepinos de um verde ofensivo, quiabos,
maxixes, repolhos e chuchus de um verde indeciso [...]. (WANDERLEY,
2014, p. 29).

Na região central da avenida, Wanderley, descreve a presença de atrações musicais durante a realização da feira, citando a presença de Mestre Biá (músico de pífano patrimônio vivo do estado de Alagoas), comércio de aves e pássaros, barracas com venda de artesanatos, canecos de lata, peças cerâmicas, potes, caqueiras de plantas, panelas, cordéis. Existiam inúmeras barracas com comercialização de roupas e calçados, exposição de móveis à venda, que compartilhavam do mesmo espaço das barracas de peixes. Alguns comerciantes estendiam apenas uma lona no chão da avenida e faziam venda de piabas e pissiricas (WANDERLEY, 2014).

A feira também é colocada por Wanderley (2014), como local de troca de informações, diálogos e compartilhamento de notícias dos jornais sobre o que estava acontecendo no Brasil e no mundo.

[...] embrulhados às pressas em páginas de jornais que noticiavam a chegada do homem à Lua, o acidente nuclear de Chernobyl, a guerra do Golfo, o impeachment de Collor, outra derrota imprevista do Botafogo e, mais recentemente, a descoberta do bóson de Higgs [...]. (WANDERLEY, 2014, p. 29).

Além destes produtos citados por Wanderley, ele acrescenta que haviam feirantes que comercializavam aguardentes, onde algumas eram decoradas no interior com ofídios mortos. Existia também um chamado "doutor de raiz" que expunha em sua barraca ervas, garrafadas, pós, raízes e unguentos com soluções medicinais. Este mesmo feirante, para atrair o público, trazia duelos entre animais répteis (WANDERLEY, 2014).

Haviam próximo a estação ferroviária barbeiros, que forneciam serviços de corte de cabelo e barba e próximo a estes uma barraca de quebra-queixo. Ao meio-dia, hora em que o sol atinge seu ápice, a feira começava a diminuir sua movimentação, até se findar (WANDERLEY, 2014).

Na fala de Wanderley (2014) é possível compreender que ele classifica a paisagem da feira como conflituosa, agitada, com produtos de boa qualidade e produtos que não atendem a seus requisitos de compra, como também um espaço que divide diversos tipos de produtos sem uma devida setorização entre barracas com produtos afins, bem como, a falta de higiene de alguns comerciantes com as mercadorias, que é o caso dos barbeiros e a barraca de quebra-queixo:

[...] porém cortante lâmina de uma navalha jamais higienizada. O preço era módico, mas não o risco. Compensavam a sujeira de seus lençóis [...] Um pouco à direita, a barraca de quebra-queixo, que dava direito a um copo d'água por todos compartilhado e em que, por vezes, no corpo do doce pegajento, achavam-se alguns cabelos que desertaram das barbearias contíguas (WANDERLEY, 2014, p. 29).

Mesmo com um texto despertando críticas a algumas formas de comercializar na feira, Wandelely deixa notório seu carinho e nostalgia por tempos bons vividos nos âmbitos da Feira Livre de Viçosa.

Sete dias depois, um outro sábado de aleluia e ressurrecao: a feira, de novo e sempre, instalava-se em nossos calendários e corações. (WANDERLEY, 2014, p. 29).

No filme *São Bernardo* (1971), baseado no romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos, a história do personagem Paulo Honório (um mascate que se torna fazendeiro) se passa na cidade de Viçosa, e uma das gravações foi realizada em um dia de feira na cidade. O trecho é reduzido, porém dá para se ter a percepção de como se comportava a feira e a paisagem neste momento.

Figura 21: Trecho do filme *São Bernardo* (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: YouTube, 2012.

Figura 22: Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: YouTube, 2012.

Figura 23: Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: YouTube, 2012.

Figura 24: Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: YouTube, 2012.

Figura 25: Trecho do filme São Bernardo (1971) em que mostra a Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: YouTube, 2012.

No trecho em que Paulo Honório está comercializando uma imagem de um santo católico, a cena, mesmo sendo curta, demonstra em detalhes a composição

da paisagem da feira. As barracas estão dispostas de maneira dispersa na praça, há uma padronização na cor dos toldos, todos mostrados na cena na cor creme. Ao fundo está o terceiro galpão anexo da feira, já edificado e com as mesmas características das atuais. Crianças brincam entre as barracas, todos os homens usam chapéu e vestes formais (calça e camisa de botão), as mulheres usam lenços na cabeça ou portam sombrinhas (provavelmente devido à alta insolação).

As vestimentas das pessoas nas imagens provocaram uma dúvida: A cena foi desenvolvida para remeter a uma época passada ou ela expressa a própria realidade do período? Para ter a resposta, conduziram-se análises acerca de registros fotográficos das décadas de 1960-1970 de outras cidades do interior do Nordeste: Arapiraca e Caruaru.

Figura 26: Largo Dom Fernando Gomes, Arapiraca - AL em 1974.



Fonte: Ricardo Nezinho, 2003.

Figura 27: Feira de Caruaru - PE na década de 1960.



Fonte: Blog do Janio Arruda, 2013

Nota-se que nas imagens de Arapiraca e Caruaru existem pessoas com trajes equivalentes aos da cena do filme São Bernardo, logo, é possível acreditar, que a cena foi gravada em meio a paisagem de um dia comum de feira em 1971.

Na paisagem de São Bernardo (1971), identificam-se o centro da praça com calçamento, assim como a via e esteiras de palha expostas sobre o chão. As pessoas transitam na via sem compartilhar o trânsito com automóveis, certamente a avenida era interdita durante a ocorrência da feira. Há da mesma forma que na imagem de 1950, cavalos parados com cangalhas presas. Edificações de estilo eclético lateralmente à feira, com portas abertas, provavelmente comércios e quitandas.

1.3 As feiras livres e o processo de modernização do varejo brasileiro

A atuação da feira livre no instante da ocupação da rua, declara o lugar como ponto de encontro e recusa a sua condição de passagem não permanente (BONAMICHI, 2013).

Com o longo progresso dos mercados a céu aberto, oriundos de remota origem ibérica e redefinidos na esfera urbana pelo racionalismo higienista da Belle Époque, os mercados de rua representam uma experiência social e de uso da rua em que há tempos que resistem a acusações de obsolescência, seja pela

disseminação irrestrita da automobilidade e dos novos modelos de varejo (os supermercados). (MASCARENHAS, 2008).

Para o urbanismo progressista, as ruas, com sua extensão e aspecto tradicionais, colocam em risco uma das principais funções da via urbana: a circulação de veículos automotores. Um dos ideais defendidos por esse paradigma urbano é o entrelaçamento de funções como transporte e entretenimento que leva à desorganização do trânsito, o que é contrário aos princípios das cidades modernas funcionais que sua ideologia defende fortemente (BONAMICHI, 2013).

O pensamento do urbanismo moderno não existe somente nos planos tecnocratas de eliminação ou supressão das feiras livres, mas também na mentalidade dos cidadãos que reclamam do barulho e da sujeira que elas provocam (MASCARENHAS, 1991).

No entanto, vale salientar que a disseminação dessa nova ideologia moderna não ocorre somente no campo do planejamento urbano. Criar um imaginário em que a feira livre se trata de uma atividade antiquada e insalubre também se deve maior relevância à popularidade dos supermercados e hipermercados e toda a retórica que vem com essa popularidade. E Bonamichi (2013, p. 17) acrescenta que as feiras livres:

[...] passam a ser taxadas como o “velho” enquanto as novas formas de varejo alimentar, modernas e portadoras do “american way of life” são massivamente promovidas como arcaicas.

A feira livre atualmente é um local tradicional que resiste às exigências da burocracia, da padronização e da ordem impessoal do que Milton Santos (1985) chamou de Meio Técnico-Científico. Este é um espaço participativo onde o dono da barraca usa sua intensa teatralidade característica para liberar sua criatividade a cada momento (MASCARENHAS, 1991).

No período posterior a 1964, com Juscelino Kubitschek, o país retoma a modernização e a abertura econômica iniciadas já na década de 1950 (BONAMICHI, 2013, p. 93).

[...] A formação de modernas centrais de abastecimento (financiadas pelo Estado) e a expansão dos supermercados [...] são reflexo direto desse processo. Fazem parte do circuito superior surgido nesse período, com o

qual a feira teve que se relacionar, obedecer e, assim, se adaptar à nova situação.

Mascarenhas (1991) reitera que o mercado consumidor absorveu rapidamente a chamada “euforia desenvolvimentista”. Alimentados pelo trabalho constante da mídia e estimulados pelo governo militar, eles gradualmente trabalharam para estabelecer uma nova e inovadora ideologia em todos os aspectos do cotidiano da sociedade. A atuação desses meios de comunicação de massa é fundamental para estimular o consumismo e estruturar novos padrões de comportamento do Estado, como a passividade política (BONAMICHI, 2013).

Durante um período conhecido como o "milagre brasileiro", de 1969 a 1974, maciços investimentos públicos e privados aceleraram o crescimento econômico do país, enquanto a censura político-ideológica dos meios de comunicação de massa garantiu a difusão dos ideais modernos pelo regime (BONAMICHI, 2013).

Este é um momento crítico para a sobrevivência das feiras livres brasileiras, que estão em risco. Alvos de poderosa pressão, extinguiram-se em algumas cidades, enquanto em outras persistiram apenas por hábitos arraigados do povo e pelo desemprego em massa que geraria caso fosse extinto (MASCARENHAS, 1991).

As feiras populares dispuseram de uma enorme consideração na cidade do Rio de Janeiro até o início dos anos 1960. Contudo, o processo de reestruturação do modelo de abastecimento alimentar brasileiro torna-se gradativamente mais essencial diante dos ideais de modernização no país. A conduta e as regulamentações que dominam o comércio de alimentos no Brasil, são bastante arcaicas que datam de muito antes do primeiro supermercado nos Estados Unidos (Mascarenhas, 1991, p. 132):

[...] é de se notar ainda que nossas autoridades também desconhecem o supermercado como concepção revolucionária de industrialização e comercialização de gêneros, bem como a genial mecânica de seu funcionamento técnico, nada tendo feito para a criação de uma legislação especial que favorecesse o estabelecimento em massa deste tipo de empreendimento.

No período conhecido como milagre brasileiro, o estado reformulou sua política de abastecimento de alimentos na esfera nacional e criou novos centros com

zonas de varejo para gradualmente substituir o antigo modelo de abastecimento formado por feiras livres (MASCARENHAS, 1991). Em 1970, foi aprovado o primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, que tinha como uma de suas metas a expansão intensiva das modernas redes de auto-serviço, especialmente nos grandes centros urbanos - contra a forma anacrônica do comércio ambulante (BONAMICHI, 2013).

As atividades de feira livre sem nenhum tipo de fiscalização são jogadas na economia informal e cada vez mais vistas como uma forma de comércio distante e atrasada. Se converte em um território desprezado pelas políticas públicas porque não está de acordo com as novas tendências econômicas e culturais globais (MASCARENHAS, 1991). No entanto, a feira persiste como uma forma de sobrevivência de milhares de famílias de baixa renda e resiste ao agudo processo de negação da rua, de espaço público de livre acesso, que marcou a urbanização brasileira nas últimas décadas (MASCARENHAS, 2008).

Por serem atividades voltadas para a distribuição varejista de alimentos e alguns itens de consumo de curto prazo, as feiras livres e supermercados transformam-se em atividades com situação de concorrência, que amplia o imediatismo dos conflitos. Essas atividades são formas de comércio que aparecem no cenário urbano em diferentes momentos, organizadas por diferentes agentes sociais em termos de poder econômico e político, formando assim uma sociabilidade e uma espacialidade também diferenciadas (MASCARENHAS, 1991).

No plano do imaginário, recriam-se as feiras livres como territórios do desconforto, do informal, do transtorno, do atraso, do barulho e sujeira das ruas, enquanto os supermercados são massivamente apresentados como portadores do novo, do belo, do conforto, do "american way of life". (MASCARENHAS, 2008, p.79)

A modernização do varejo alimentar brasileiro, a difusão dos super e os hipermercados, agregados ao endurecimento das leis higienistas, contribuíram para a construção da visão preconceituosa das feiras populares como modo de abastecimento alimentar, conforme destaca BONAMICHI (2013, p.21):

[...] A feira livre passou a ser considerada como o arcaico e o anti-higiênico, um fenômeno da informalidade urbana, consequência da expansão de parte pouco capitalizada do setor terciário e da busca de novas formas de sobrevivência material pelas classes populares.

A concordância ideológica da modernização do varejo alimentar traduz-se nos novos preceitos de higienistas introduzidos no comércio alimentar, bem como no apelo estético dos produtos expostos nos supermercados ou nos uniformes dos funcionários. A liberdade e a conveniência do auto-serviço é fortemente divulgada como o novo modelo progressivo para a forma como os alimentos são comprados. Os horários alargados adaptam-se facilmente aos tempos impostos pela vida e trabalho modernos, em contraste com os horários restritos dos mercados de rua, com dias e horários específicos (BONAMICHI, 2013).

Não diferente das transformações sobre as novas formas de varejo apresentadas por Mascarenhas, a cidade de Viçosa - AL também passou e passa pelo processo de expansão desse sistema de comércio. Algumas edificações que apresentavam uso residencial ou comercial de pequeno porte no Centro da cidade foram lembradas e incorporadas a supermercados. A exemplo disso existe o antigo Hotel São Roque na Avenida Firmino Maia e os conjuntos de casas na Rua Vigário Loureiro que deram espaço a supermercados.

Figura 28: Antigo Hotel São Roque na Avenida Firmino Maia; **Figura 29:** Conjunto de casas na Rua Vigário Loureiro no passado.



Fonte: Acervo Júnior Silva, 2016.

Figura 30 e Figura 31: Espaços de antigos usos substituídos por supermercados.



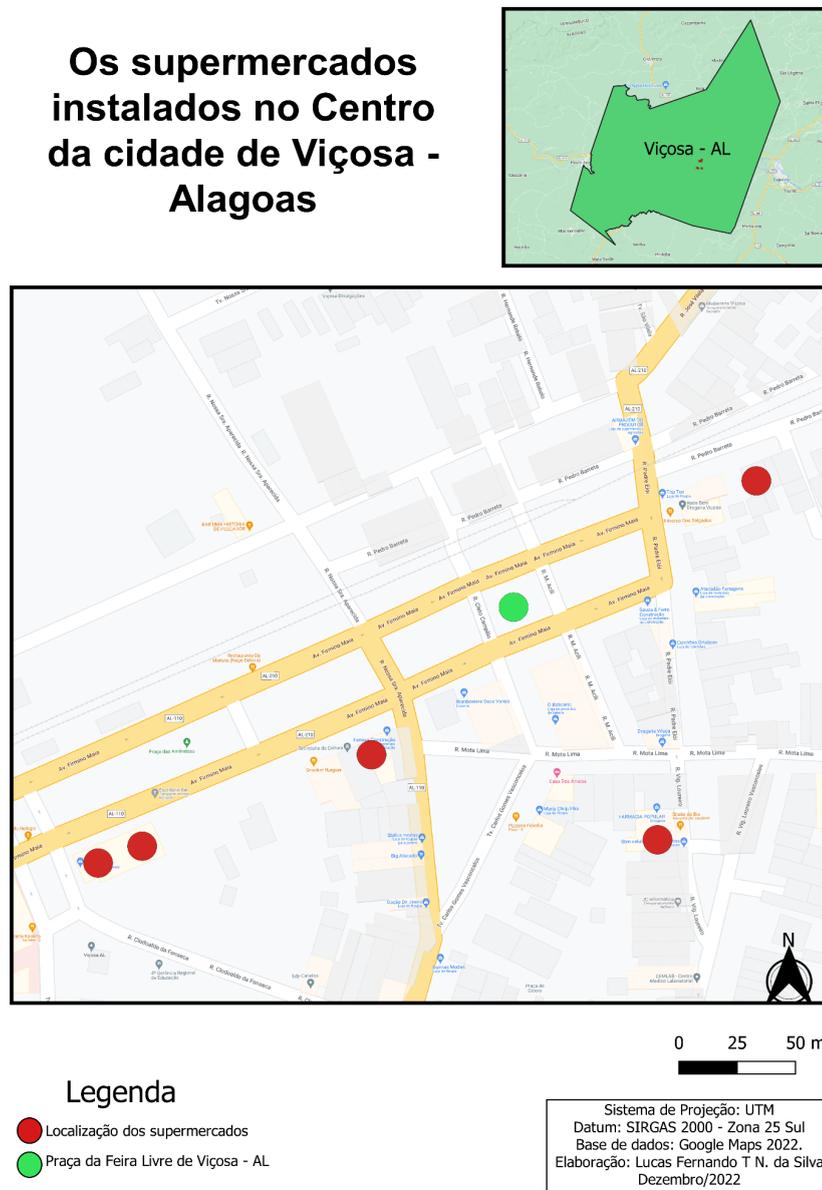
Fonte: Acervo pessoal, 2022; Google Earth, 2022.

No passado da cidade já haviam quitandas, assim como na Avenida Firmino Maia, conforme as imagens antigas do município comprovam. Nos dias de hoje existem outras quitandas e/ou mercados menores, mas o monopólio de compras maiores pelos habitantes da cidade, são através dos supermercados, principais concorrentes da feira livre. No documentário “Feira de Viçosa” (Focus Vídeo) de 2008, um feirante vendedor de sapatos por nome não identificado relata sobre as dificuldades de comercializar seus produtos juntamente com o comércio local, que amplia suas alternativas de venda.

Ah meu filho tá muito fraco, muito fraco mesmo por que hoje uma feira dessa aqui isso aí não saiu nada, o povo vende mais japonesa lá em cima. Aí as empresas, comércio né? Por que hoje tá limitado a isso, o comércio hoje tem que o cabra se estabelecer pra fazer vender em cartão, crediário, tudo. Hoje o pessoal compra muito em crediário, ele não quer saber se compra caro ou barato não, ele quer dividir, sabe? O cabra dividindo, ai vai fazer negócio, mas quem vende ambulante assim aí é maré, em dezembro a gente faz um negocinho, já durante o resto. (FEIRANTE DE VIÇOSA, 2008, Documentário Feira de Viçosa).

O mapa abaixo espacializa como estes supermercados estão organizados no Centro da cidade de Viçosa. Todos eles estão próximos ou na mesma avenida em que acontece a feira-livre. No total há cinco supermercados de porte maior, sem contar com os mercados de pequeno porte, que podem ser vistos nas proximidades da Avenida Firmino Maia.

Figura 32: Mapa dos supermercados instalados no Centro da cidade de Viçosa - AL.

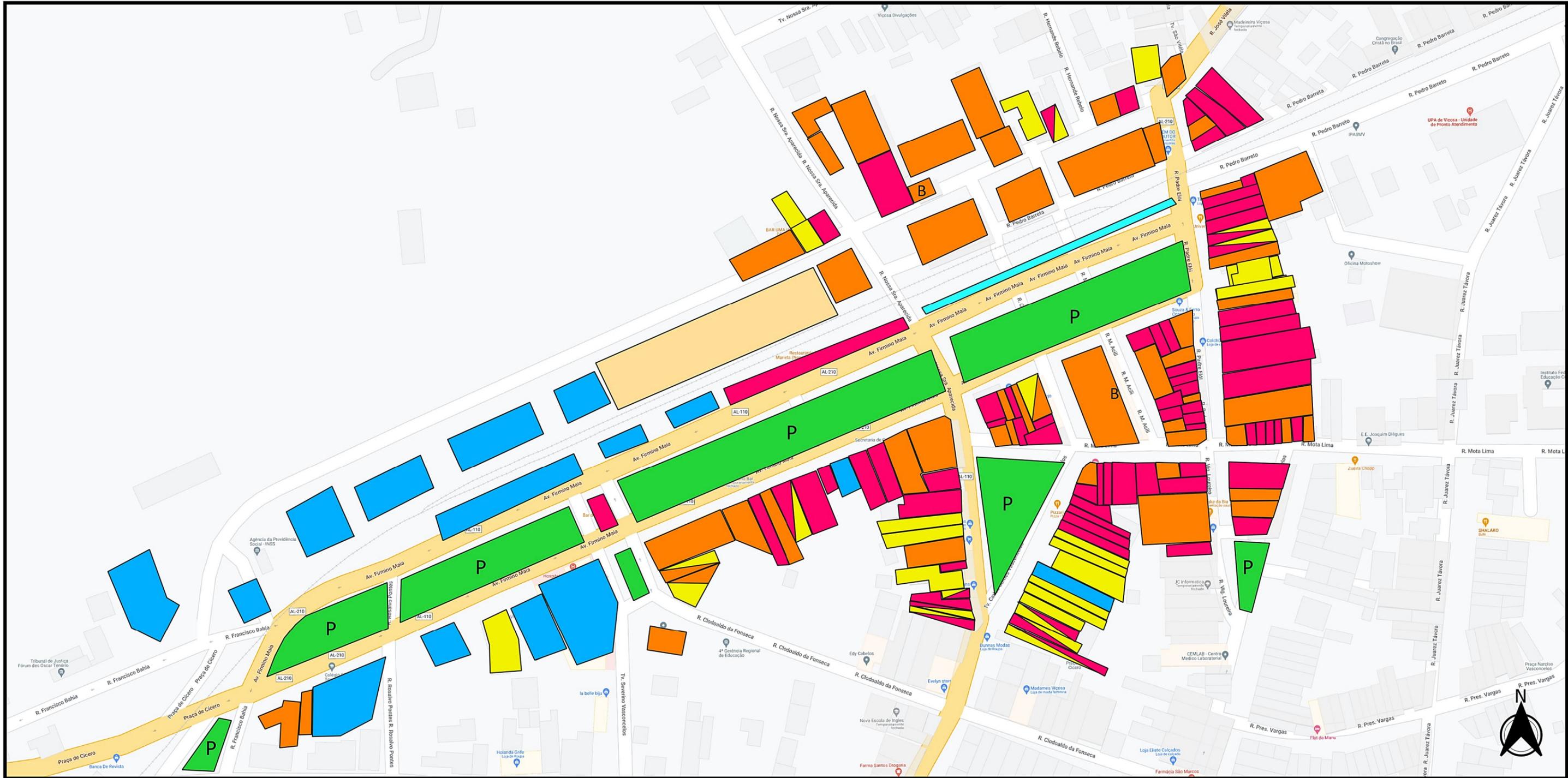


Fonte: Google Maps 2022. **Edição:** Autor, 2022.

Visto que a Avenida Firmino Maia é uma das maiores centralidades da cidade, desde a instalação da estação ferroviária, os lojistas procuram se estabelecer nesta avenida ou próximo a ela, para garantir o maior número de fregueses, oriundos de todas as partes da cidade, principalmente aos sábados, o dia e local de considerável fluxo da região. Para justificar esta afirmação foi realizado um mapa de uso e ocupação do solo que mostra a avenida como uma região central da cidade, com usos majoritariamente comerciais e de serviços.

Uso e ocupação do solo da Avenida Firmino Maia e seu entorno

Sistema de Projeção: UTM
 Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
 Base de dados: Google Maps 2022.
 Elaboração: Lucas Fernando T. N. da Silva
 Dezembro/2022



Legenda

- Residencial
- Comércio
- Serviço
- Uso misto - Residencial/Comércio
- Uso misto - Residencial/Serviço
- Serviços Institucionais
- B Banheiros

Serviços de interesse público; Serviços de interesse público; de saúde; de educação; técnico-profissionais; diversão e comunicação; auxílio ao transporte; instituições religiosas; reparação e conservação; alojamento e alimentação; instituições de crédito, seguro ...etc.

- Área Paisagística
- Vazios Urbanos: Área livre sem uso
- Riachos e Lagoas

L -Área de Lazer;
 P-Praça;Área livre adjacente ao edifício
 Área livre adjacente ao edifício - AL (aberta) ALF (murada)
 CF-Campo de Futebol;
 QP -Quadra Poliesportiva;
 C-Canteiro nas vias.



A Avenida Firmino Maia é cortada por um grande largo, que abre espaço para a Praça das Amêndoas e mais a frente a “Praça da Feira”, um espaço multieventos, que abriga todos os maiores eventos da cidade, como shows, desfiles cívicos, a própria feira e outras atividades de interesse do município. Os edifícios dispostos nesta via e seu entorno imediato são de maioria comercial e serviços, como: o Mercado Público Municipal, os galpões da feira, lojas de roupas, confecções, perfumarias, óticas, quitandas, supermercados, lojas de materiais de construção, bares, lanchonetes, farmácias, dentre outras.

O menor tipo de uso dos arredores da avenida é o residencial, há alguns lotes que compartilham o uso residencial com o comercial ou de serviço, geralmente sobrados. Nas quadras mais afastadas (sentido sul) da avenida existe um uso residencial mais predominante.

Pode ser notado que do lado esquerdo do mapa, a cor azul se destaca mais do que outras, o que quer dizer que os edifícios desse trecho apresentam maior uso institucional. As construções que contemplam essas áreas são: escolas, fórum de justiça, hospital, agência bancária, delegacia, secretaria de saúde, previdência social, agência dos correios, posto de gasolina, etc.

Como já expressado, mas agora com o detalhe da espacialização do espaço em estudo, a feira livre concorre diretamente com o varejo local, que pode provocar nos feirantes a necessidade de se adaptarem às novas formas de comercializar e procurar estar compatível com as ofertas de produtos dos demais pontos comerciais. Essas relações e o controle do comércio local derivado do poder empresarial, podem ocasionar transformações em todos os âmbitos da feira, como a paisagem e as identidades culturais.



2. A FEIRA NO ESPAÇO E NA PAISAGEM

Por mais que as pessoas interpretem a paisagem das feiras de formas variadas, seu território e sua subjetividade, elas deixam marcas que podem ser compreendidas pelo coletivo. É importante compreender como a feira se comporta no espaço, no território, na territorialidade, na identidade e na paisagem. Esses conceitos da geografia nos ajudam a interpretar como as pessoas vivenciam esses eventos semanais.

Neste capítulo será tratado sobre os conceitos de território, territorialidade, identidade, paisagem e memória para fomentar explicações da condução da feira livre, fazendo comparativos desses conceitos com a Feira Livre de Viçosa, para caracterizar e entender a paisagem da mesma.

2.1 Território, territorialidade e identidade

Segundo Raffestin (1993), o território é uma construção conceitual baseada em conceitos espaciais. Dessa forma, o autor pretende distinguir entre o que já está “dado”, o espaço – como matéria-prima natural e produto moldado pela ação social dessa base – e o território – estrutura sujeita a um modo formalizado e/ou quantificado . Logo, a produção de um espaço, território nacional, espaço físico, marcado, modificado e transformado pelas redes, circuitos e fluxos aí instalados: “rodovias, canais, ferrovias, circuitos comerciais e bancários, rodovias e linhas aéreas, etc.” (LEFEBVRE, 1978 apud SANTOS, 2009). Acrescenta Santos (2009, p. 1):

[...] se constitui em um complexo jurídico-sócio-econômico, modelado em uma multiplicidade de paisagens, exibindo feições características. O território é, assim, a base física de sustentação locacional e ecológica, juridicamente institucionalizado do Estado Nacional. Contém os objetos espaciais, naturais e/ou construídos, na condição de instrumentos exossomáticos¹, para (re)produção de uma identidade étnico-sócio-cultural.

Portanto, o território, juntamente com a soberania e o povo, é um dos três elementos básicos que compõem um Estado-nação moderno. Esse conceito refere-se à representação do estado moderno, com o qual a geografia moderna tomou forma, a partir da proposta de Ratzel de vincular sociedade, estado e território (1897). É uma visão nascida de um contexto europeu pós-medieval, quando uma base patrimonial de origem feudal ajudou a moldar o território do Estado-nação

moderno. Seu maior aspecto é a forma de propriedade territorial, que se manifesta como soberania hereditária exclusiva. (SANTOS, 2009).

Para contextualizar a territorialidade, esse conceito foi estabelecido por H. E. Howard (1920 apud RAFFESTIN, 1993, p. 159), onde ele declara que é "a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie". Para Soja (1971, p. 19 apud SANTOS 2009, p. 3), dentro do sentido político de organização humana do espaço, a territorialidade pode ser classificada como "um fenômeno comportamental associado com a organização do espaço em esferas de influência ou de territórios claramente demarcados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou por agentes outros que assim os definam" (SANTOS, 2009).

A territorialidade não é apenas uma simples relação entre homem-território, acredita Raffestin (1993), que existe uma relação social entre as pessoas que vai além da divisão de parcelas individuais, logo a territorialidade seria "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema" (RAFFESTIN, 1993, p. 811). Levando em conta a dinâmica dos fatores envolvidos nas relações, a territorialidade pode ser dividida em diferentes tipos, das mais estáveis às menos estáveis (RAFFESTIN, 1993:160 apud SANTOS, 2009, p. 3).

Para Haesbaert (1997), no Brasil, a diferença entre território como instrumento de poder político e espaços de identidade cultural como objetos de grupos culturais e/ou religiosos é fundamental e, portanto, precisa ser melhor estudada. Assim, há uma união entre processos simbólico-culturais e político-administrativos, com posse e controle (SAQUET, 2016). Compreender o espaço da feira colabora sobretudo para identificar estes processos simbólicos-culturais da área em que acontece o evento, bem como da cidade.

Segundo ainda o autor, uma identidade territorial nunca pode ser vista como singular porque se cruza com várias outras identidades e seu conteúdo simbólico às vezes muda rapidamente ao longo do tempo. E no caso da feira livre, estas variações de identidades é o que compõe o principal elemento de procura por este tipo de serviço. Cada feira livre se adapta ao espaço de sua realização e a organiza a partir das condições destes lugares. As alteridades sempre tiveram um caráter defensivo, tornando-se marginais aos sistemas dominantes, adotando definições

variações de identidades é o que compõe o principal elemento de procura por este tipo de serviço. Cada feira livre se adapta ao espaço de sua realização e a organiza a partir das condições destes lugares. As alteridades sempre tiveram um caráter defensivo, tornando-se marginais aos sistemas dominantes, adotando definições excludentes de suas identidades, separando umas das outras de acordo com cada situação histórica. Há um processo de diferença e externalidade que diferencia e identifica pessoas e lugares, segundo (SAQUET, 2016, p. 6):

Os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta. Os vários conflitos pela defesa de fronteiras, por exemplo, demonstram que as referências espaciais permanecem relevantes para a definição ou fortalecimento de identidades. A própria memória (coletiva) de um grupo social precisa de uma referência territorial.

Dessa forma, como colocado por Saquet (2016), o poder simbólico pode explorar elementos espaciais, representações e símbolos para constituir identidades territoriais, que é definido historicamente. Os territórios e as fronteiras estão na base da construção das identidades, onde as diferenças são muitas vezes condicionadas por algum limite físico à reprodução dos grupos sociais. Para Rogério Haesbaert (1997), não são tanto os espaços que formam identidades, mas o poder político e cultural dos grupos sociais que se reproduzem dentro deles, e sua capacidade de gerar identidades em escala por meio do lugar (SAQUET, 2016).

Woodward (2000) apontou que as identidades têm significado por meio da linguagem e dos sistemas de símbolos que as representam. Ele acrescenta que as identidades estão associadas e definidas pela diferença, que em contrapartida rodeiam a segregação. Existem também símbolos entre a identidade dos indivíduos e as “coisas” que elas utilizam, isso significa que a formação da identidade é simbólica e social (SAQUET, 2016, p.7):

As identidades nacionais são específicas e estão localizadas em algum ponto do tempo através de antecedentes históricos. Os povos tentam reafirmar as suas identidades que foram, de alguma forma, perdidas, podendo estar produzindo outras identidades. Assim, a redescoberta do passado faz parte do processo de construção da identidade de certo grupo social.

A identidade consegue ter uma característica permanente de acordo com as conjunturas de vida de cada grupo social. Os grupos étnicos ou religiosos, por

exemplo, muitas vezes requerem símbolos ou aspectos de sua história habitual como base de sua identidade (SAQUET, 2016).

Para Woodward (2000), a cultura molda a identidade ao dar significado à experiência e às preferências de identidades. Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de compreender as vivências das desigualdades sociais, caracterizando a intercepção do nosso passado com as “relações sociais, culturais e econômicas em que vivemos hoje”. A contradição atual procura esclarecer a concepção de identidades nacionais evocando origens, mitos e fronteiras do passado. Os conflitos geralmente se concentram em torno dos limites onde a identidade nacional é contestada (SAQUET, 2016). Na feira de Viçosa, pode ser notado que o tempo moldou o local a diversas identidades, mas algumas são carregadas até os dias atuais, mesmo com as transformações do tempo. Para Saquet (2016, p.7):

Woodward também indica, a partir da abordagem de Stuart Hall, que existem duas formas diferentes de identidades culturais. Uma ocorre quando determinada comunidade busca recuperar o seu passado histórico e uma cultura partilhada que pode ser representada reafirmando a identidade. A outra concepção é aquela baseada no reconhecimento entre os indivíduos e nas suas reivindicações comuns. Os processos históricos sustentam a fixação de certas identidades e a geração de novas identidades.

As pessoas produzem e recriam suas identidades através de seus gestos, necessidades e aprendizados. Existem muitas identidades. As que se anulam e se desintegram, deixam rastros materiais e imateriais (SAQUET, 2016). Um exemplo disso, é o comerciante tradicional da Feira Livre de Viçosa, conhecido seu João do Quebra-Queixo, que trabalha na feira desde os seus 20 anos de idade, atualmente está há 58 anos desempenhando suas atividades, que aprendeu com um antigo morador da cidade. Não houve nenhum interesse de membros de sua família em estudar a prática, ficando passível deste saber se perder, e o comércio deste tipo de doce sumir da feira livre. É o que coloca o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC (IPHAN, 2014-2016):

João quebra-queixo, nos seus 72 anos, desde os 20 anos é célebre na cidade pelo seu saboroso quebra-queixo. até a sua aposentadoria o quebra-queixo foi a única fonte de renda de seu João. Ainda hoje ele

transita quase diariamente pela cidade com seu tabuleiro de quebra-queixo e aos sábados ocupa uma banca da feira da cidade de Viçosa para comercializá-lo. além disso, seu João atende as encomendas de quebra-queixo, como por exemplo, para escolas e de clientes provenientes de Chã Preta, São Joaquim, Pindoba, Mar Vermelho, entre outros. O quebra-queixo de seu João já foi levado para São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, segundo ele, até para China. Seu João aprendeu a prática de fazer doce com um antigo morador denominado Dinaro, compadre da sua primeira mulher. No entanto esse saber não foi aprendido por ninguém da sua família, nem pela sua primeira esposa, companheira por 18 anos. Seu João prepara geralmente prepara três tipos de quebra-queixo: o de amendoim, o de coco e um que é da mistura dos dois. INRC – AL, Sítio 1, Transcrição, 2016.

Figura 34: João do Quebra-Queixo com seu carrinho vendendo o doce pelas ruas da cidade de Viçosa - AL.



Fonte: Viva Viçosa, 2006.

De acordo com Raffestin (2003), a identidade e a imagem precedem a construção de cada território, a territorialização. São comportamentos sociais históricos que se repetem a toda geração. No entanto, identidade e imagem territorial estão ligadas, dependendo da linguagem acessível (para diferentes comunidades). Isso traduz que o “presente e passado se condicionam mutuamente”.

Ele se faz de proposições para identificar os territórios formados com os processos “culturais, identitários e outros aspectos da vida cotidiana” (SAQUET, 2009, p. 8):

a) **O território do cotidiano:** é o território vigente, da rotina diária, onde se assegura a contemplação das demandas. Caracteriza-se pela descontinuidade, pelo que:

[...] pode ser considerado um arquipélago de lugares isolados uns dos outros”. “O território do cotidiano é, ao mesmo tempo, aquele da tensão e da distensão, aquele de uma territorialidade imediata, banal e original [...], previsível e imprevisível [...], território dos fatos de crônica [...]. (RAFFESTIN, 2003, p.6-7 apud SAQUET, 2009, p. 9).

b) **O território das trocas:** Através da circulação de mercadorias, existem ligações regionais, nacionais e internacionais. “O território é aberto e fluído e está em constante movimento de mudanças.” (SAQUET, 2009, p. 9).

c) **O território de referência:** Pode ser classificado como “material e imaterial; histórico e imaginário, subjetivo (memória individual e/ou coletiva)”. “O território de referência é justamente aquele dos antecedentes” (RAFFESTIN, p.7 apud SAQUET, 2009, p. 9). De modo algum é o território em que vivemos, todavia é a terra habitada ou conhecida pela leitura ou memória. “São imagens que nutrem a identidade atual” (SAQUET, 2009, p. 9).

d) **O território sagrado:** Encontra-se relacionado à religião e à política, a exemplo de Jerusalém e Roma. “Nas festas e cerimônias também se efetivam sacralidades, territorialidades, rituais que caracterizam traços identitários.” (SAQUET, 2009, p. 9).

A partir dessas caracterizações que Raffestin faz para identificar territórios, é concebível qualificar quais são os tipos de proposições territoriais dos espaços de uso público da Avenida Firmino Maia da cidade de Viçosa - Alagoas. Como a via apresenta uma pluralidade de usos, é admissível que a extensão dessa localidade seja definida por mais de um tipo de classificação territorial.

Ao analisar o perímetro da avenida e entender os usos dos espaços inseridos nela, é entendível que esta apresenta todos os parâmetros das proposições territoriais. Do cotidiano por existir uma vida, uma rotina instalada naquele local, com

o fluxo repentino das pessoas que vão aos supermercados, às lojas, à escola, ao banco, ao hospital e a própria feira todos os sábados. Das trocas pelas movimentações comerciais que acontecem no local. De referência pela presença de algumas edificações históricas estabelecidas neste intervalo, principalmente a antiga estação ferroviária desativada e a secretaria de cultura do município. Do sagrado, não por ocorrer atividades religiosas no lugar, que não é o caso, mas pela execução de eventos cívicos, como o desfile de emancipação política da cidade e shows concedidos pelo poder público.

Figura 35: Do cotidiano e das trocas: O comércio da Avenida Firmino Maia.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 36: De referência: Prédio da antiga intendência municipal, atual Secretaria Municipal de Cultura de Viçosa.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 37: Do sagrado: Desfile de comemoração à emancipação política da cidade de Viçosa.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Através desses territórios, pela complexidade das relações que realizamos cotidianamente, existem interfaces e sobreposições, assim dizendo, inúmeras atividades e territorialidades. As territorialidades formam identidades, que em contrapartida afetam suas respectivas territorialidades e o desenvolvimento de territórios e seus patrimônios. De acordo com SAQUET (2009, p. 9):

Sucintamente, território, territorialidade e identidade estão em complementaridade. Independente da concepção predominante, a identidade é relacional e histórica. Na abordagem cultural há centralidade para a coexistência e para a unidade das relações sociais; na abordagem que denominamos de (i)material, além deste aspecto, o caráter histórico também assume centralidade envolvendo elementos e processos culturais, econômicos e políticos.

Saquet (2009) afirma que a identidade também acontece no curso de migrações e diferentes transformações territoriais, isto é, quando ocorre a mudança social ela também pode se fixar, pois somos capazes de sintetizar na desterritorialização e reterritorialização. Mesmo quando há mudanças sociais ocorrendo dentro do mesmo lugar ou entre lugares diferentes, existem recursos que criam novas territorialidades e identidades por meio da inclusão de novos elementos sociais (SAQUET, 2009).

As identidades são resultado de processos históricos e relacionais, em outras palavras, a construção de qualquer território é formado no âmbito das relações sociais com o espaço externo da vida social. A identidade constitui assim um patrimônio territorial, preservado e reconhecido pelos agentes diretamente comprometidos na sua estrutura histórica “e por outras pessoas que podem viver esse patrimônio”. Assim, o território implica este patrimônio identitário: “o saber-fazer, as edificações, os monumentos, os museus, os dialetos, as crenças, os arquivos históricos, as relações sociais das famílias, as empresas, as organizações políticas.” (SAQUET, 2009).

Território, territorialidade e identidade acontecem simultaneamente e, nesta concepção, há um condicionamento mútuo também entre território-identidade-desenvolvimento. Dependendo do caráter do projeto de desenvolvimento, haverá preservação ou não dos traços identitários e simbólicos de cada território. Poderá acontecer, também, uma conjugação entre permanências e mudanças, isto é, entre identidades reproduzidas e novas identidades incorporadas aos hábitos e comportamentos cotidianos de certo grupo social. (SAQUET, 2009, p. 15).

Como já foi expressado até aqui, as feiras livres tendem a deixar marcas de seu passado, bem como esquecer características identitárias e assumir novos traços, é a partir desses cruzamentos de identidades que se constituem as identidades do presente.

2.2 As paisagens e os lugares das feiras livres

A paisagem urbana pode assumir diferentes tipos de interpretações, uma delas é a interpretação do que se vê, fundamentado nas experiências pessoais do observador (NUNES, 2016), que é decisivo para o discernimento e a forma da representação da própria paisagem.

Para Milton Santos (1999), a paisagem é um conjunto de formas que, em determinado momento, “exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 1999, p. 66).

[...] Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há, também, referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente. (SANTOS, 1999, p. 67).

A paisagem ocorre como um agrupamento de objetos reais-concretos. Portanto, a paisagem é transtemporal, reunindo objetos do passado e do presente em uma estrutura transversal. Toda e qualquer paisagem é caracterizada por uma certa “distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico”. Assim, os objetos não alteram-se de lugar, mas de função, ou seja, de significado, de valor sistêmico. A paisagem é assim um sistema material, neste caso, relativamente inalterado (SANTOS, 1999).

As paisagens existem por suas formas, constituídas em diferentes tempos da história, mas coexistindo no presente. No espaço, as formas que atualmente compõem a paisagem cumprem funções atuais em reação às necessidades sociais atuais. Nascidas de distintas necessidades, essas formas surgiram em sociedades sucessivas, mas apenas as formas mais novas se ajustam à natureza da atual sociedade (SANTOS, 1999). As relações sociais e as demandas do cotidiano urbano são capazes de transformar as paisagens, podendo esta mesma apresentar configurações distintas durante o decorrer dos anos.

Para C. Reboratti (1993, p.17 apud SANTOS, 1999, p. 67) "a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes". Como simples materialidade, nenhum fragmento da paisagem está com condições para efetuar mudanças no todo. Como Isac Henko (1975, p. 635 apud SANTOS, 1999, p. 69) disse:

[...] mesmo se todos os componentes da paisagem estão, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente relacionados, uma alteração verificada em uma dada relação não pode 'automaticamente' e 'sem delongas' afetar, na mesma proporção, todas as partes do sistema.

Além disso, as mudanças são sempre simultâneas, cada aspecto ou fragmento é somente uma parte, dado ou elemento do movimento geral, conforme afirma Santos (1999, p. 70):

A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. [...] A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social [...]. (SANTOS, 1999, p. 70).

As movimentações da sociedade, que dotam as formas geográficas de novas funções modificam a sistematização do espaço, estabelecem novos estados de equilíbrio e, ao mesmo tempo, criam novas posições de partida para novos movimentos. Por conquistarem uma vida sempre transformada pelos movimentos sociais, as formas – convertidas em “formas-conteúdo” – são capazes de se envolverem de uma dialética com a própria sociedade e, portanto, podendo fazer parte do desenvolvimento do próprio espaço (SANTOS, 1999).

Sanderville (2005, p. 50), classifica a paisagem pelo senso comum, paisagem se alude como “à percepção visual a distância, na qual o observador se sente fora do ‘objeto’ contemplado, não o associando a outros fatores”. Nota Metzger (2002, p. 2 apud SANDERVILLE, 2005, p. 50):

Em todos os casos, há sempre uma noção de amplitude, de distanciamento. A paisagem nunca está no primeiro plano, pois ela é o que se vê de longe, de um ponto alto. Sempre precisamos nos distanciar para observá-la e, de certa forma, a paisagem é o lugar onde não estamos (pois observamos), podendo até ser um ‘pano de fundo’.

Entretanto, esse senso comum pode ser melhor assimilado usando a palavra panorama (“pan = tudo, orama = vista, espetáculo, coisa maravilhosa”) ou a palavra prospecto (“olhar adiante, ver longe, lugar elevado, aspecto exterior, previdência”).

A palavra nos veio do francês, *paysage* (derivando de *pays* = país, região, território, pátria, etc.), palavra “surgida” (atestada seria melhor) nessa língua, segundo o dicionário Robert, em 1549 (segundo informa POLETTE, 1999 apud SANDERVILLE, 2005, p. 50).

Como já foi referido, a palavra portuguesa “paisagem” deriva de “país”, e não se refere apenas ao espaço físico, mas também a uma determinada ocupação do espaço, à formação de um território e de uma população, podendo tornar-se a sua imagem territorial. Para classificar imagem (“do latim *imago*, incorporada a partir do século XIII, com o mesmo sufixo *agem* encontrado em *paisagem*”), que denota a noção de forma, semelhança, aspecto, aparência. Cada uma dessas palavras – país, paisagem e imagem – apontam para um elevado conteúdo cultural que liga espaço e representação: “lugar, território, cultura e imaginação”. É a partir disto que surge complementarmente a definição de forma e aparência . “Aparência de um conteúdo, a ‘alma do lugar’ do pitoresco, da construção de um lugar social, mesmo quando a idéia de natureza se torna determinante, cuja estetização coloca, em primeiro plano, a forma das coisas, cujo arranjo passa a ser visto como paisagem”. (SANDERVILLE, 2005, p. 51).

É o lugar, onde os princípios da realidade histórica conferem às técnicas, relativizando sua função, incluindo elas em um grupo de vida, se subtraindo da abstração experimental e dando-lhes validade histórica. Além disso, não existem técnicas separadas em um estabelecido lugar, onde o produto de idade de uma esteja sempre dependente sobre a outra. Num determinado local operam várias técnicas em simultâneo porque, tendo como exemplifica SANTOS (1999, p. 35:; “técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção”. Estas técnicas específicas, estas “técnicas industriais”, são geridas por grupos sociais condutores de diferentes técnicas sócio-culturais, e inserem-se num campo que se diferencia do ponto de

vista técnico pela sua composição material. “São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar.”

Cada lugar é um mundo à seu modo. Como M.A. de Souza (1995, p. 65 apud SANTOS, 1999, p. 213) cita, "todos os lugares são virtualmente mundiais". Ademais, cada lugar está irrefutavelmente imerso na comunicação com o mundo e se torna significativamente diferente de outros lugares (SANTOS, 1999, p. 213).

A compreensão do contexto histórico e da sociedade permite a leitura da paisagem cultural, das relações entre a materialidade objetiva e os significados a ela atribuídos. (JACKSON, 2003 apud NUNES, 2016 p. 22).

As noções de paisagem cultural começaram a ser discutidas a partir de convenções com a UNESCO desde 1972; porém somente em 1992 o conceito foi adotado para reconhecimento de bens culturais (IPHAN), ainda mais distante a primeira área urbana no mundo a receber a chancela da paisagem cultural foi a cidade do Rio de Janeiro, em 2012. Esse novo olhar sobre a paisagem mostra a diversidade de elementos que a compõem e retira a concepção da perspectiva do espaço a partir de componentes isolados.

[...] a paisagem traz as marcas das diferentes temporalidades dessa relação sociedade-natureza, sendo o resultado de uma construção que é social e histórica e que se dá sobre um suporte material que possui sua própria temporalidade, a natureza.” (PEREIRA, p. 19; apud GUIMARÃES, 2019. p 214)

A UNESCO na Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972; subdividiu os fundamentos da paisagem em três conceitos (FIGUEIREDO, 2013 p. 89): Paisagens evoluídas organicamente subcategorizada em dois conceitos, a paisagem contínua e a paisagem relíquia (ou fóssil); paisagem cultural associativa e paisagem claramente definida.

As paisagens evoluídas organicamente são colocadas por Figueiredo (2013) como aquelas construídas coletivamente por um grupo social ou uma sociedade, apresentando a progressão de algum ciclo social, econômico, administrativo ou religioso. Elas podem ser parte uma cidade, uma cidade inteira ou um grupo de cidades.

Dentro das paisagens evoluídas organicamente como foi mencionado (FIGUEIREDO, 2013), estão as paisagens contínuas e as paisagens relíquias. As

paisagens contínuas são: as paisagens em processo, mantendo vivas a evolução cultural, tradições e grupos sociais de variados ciclos ou ciclos específicos, tendo clareza material de suas manifestações. As paisagens relíquias são: a paisagem-produto derivada de um processo evolutivo que já se findou, indicando marcas materiais evidentes, como os sítios arqueológicos da qual as civilizações foram extintas ou complexos edificadas sem uso.

As paisagens culturais associativas (FIGUEIREDO, 2013) estão integralmente relacionadas às questões culturais, religiosas, artísticas ou místicas, conectadas ao espaço natural e elementos dele, nem sempre visíveis, entretanto o espaço físico é essencial para a conservação destas práticas imaterializadas.

Por último, as paisagens claramente definidas (FIGUEIREDO, 2013) são aquelas criadas a partir de um plano ou projeto planejadas, através de motivações estéticas, religiosas ou políticas, associando espaços livres a conjuntos edificadas. Um exemplo de paisagem claramente definida é o Plano Piloto de Brasília.

A paisagem da Feira Livre de Viçosa pode ser entendida como paisagem evoluída organicamente contínua, pois a sua construção se dá pela ação coletiva da população, que praticam atividades tradicionais e relevantes a cultura do local e ainda assim passa por mudanças acometidas pelas transformações das práticas e funções do espaço.

Milton Santos (1997) esclarece que a paisagem não tem características fixas e nem imóveis. A cada momento que a sociedade se transforma, ocorrem alterações nos eixos econômico, político e nas interações sociais. O mesmo acontece com o espaço e a paisagem que se modifica para se adequar às exigências do momento em que a sociedade está vivenciando. É o que ele coloca (1997, p. 37):

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

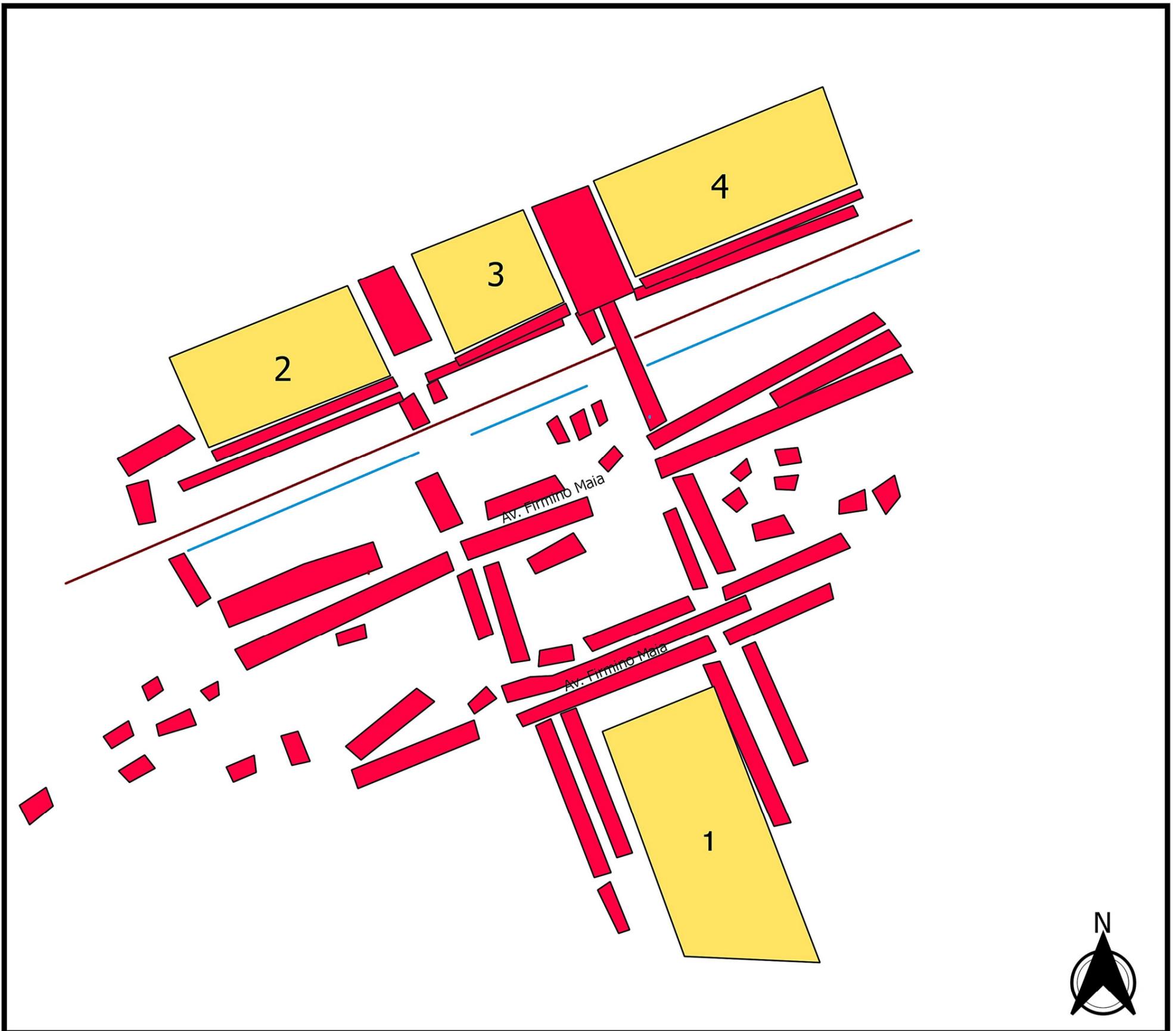
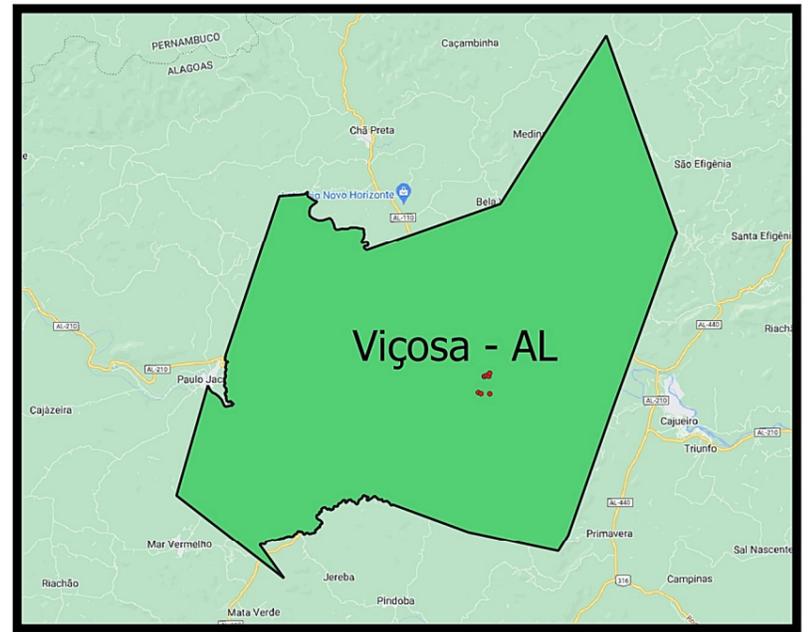
Certeau (2008) destaca que o ato de andar, de se deslocar, compõe a própria cidade, em movimentos intensos e quase imperceptíveis, constituindo sua paisagem momentânea. Os espaços são criados conjuntamente com os momentos de trânsito. O comportamento do dia a dia das pessoas que se movimentam pela cidade deixa marcas e mudanças no espaço, tornando a experiência urbana única e inédita. No

instrumento de estudo, que no caso é a feira, não há separação entre o sujeito e o espaço, habitantes e espaço urbano, pois quem se desloca pela cidade não experimenta esse espaço como algo ofertado, preexistente e estagnado. O itinerante cria o espaço e simultaneamente se criam enquanto criam a si mesmos. O espaço urbano materializa-se assim, tornando-se coerente e vivo a partir da sua ligação com os corpos de quem por ele passa, surgindo como uma arquitetura diversificada constantemente inacabada.

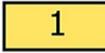
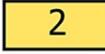
Em relação a Feira Livre de Viçosa, após diversas visitas em diferentes dias a Avenida Firmino Maia aos sábados pela manhã pôde ser identificado mudanças na organização do espaço da feira, ou seja, a paisagem passa por modificações constantes, como por exemplo a setorização dos produtos, o posicionamentos das barracas, entre outras questões. Para perceber isso, foram realizadas três visitas à feira dedicadas exclusivamente para registrar a estruturação do espaço para posteriormente identificar mudanças na paisagem. Além do registro realizado em 2022 da feira, também foram feitas comparações com imagens da paisagem da feira nos anos de 2009; 2015 e 2018.

Começando pelo ano de 2009, com o auxílio das imagens de satélite da linha do tempo do Google Earth, foi possível realizar um esboço da organização das barracas nos espaços da Avenida Firmino Maia. Representado em amarelo o Mercado Público Municipal e os galpões da feira e em vermelho a disposição das barracas. É evidente que algumas barracas são armadas ao redor do mercado, no lado direito da avenida e nos arredores dos galpões, que também são ocupados por feirantes. Entre o mercado e os galpões existem dois corredores que perpassam as pontes do canal e fazem uma junção entre os dois lados. O centro da praça é ocupado por barracas dispersas sem o uso de corredores e poucas instalações.

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL em outubro de 2009



Legenda

- | | | | |
|--|---------------------------|---|--------------------------|
|  | Disposição das barracas |  | Marcação do canal |
|  | Mercado Público Municipal |  | Marcação da linha férrea |
|  | Galpão 1 | | |
|  | Galpão 2 | | |
|  | Galpão 3 | | |

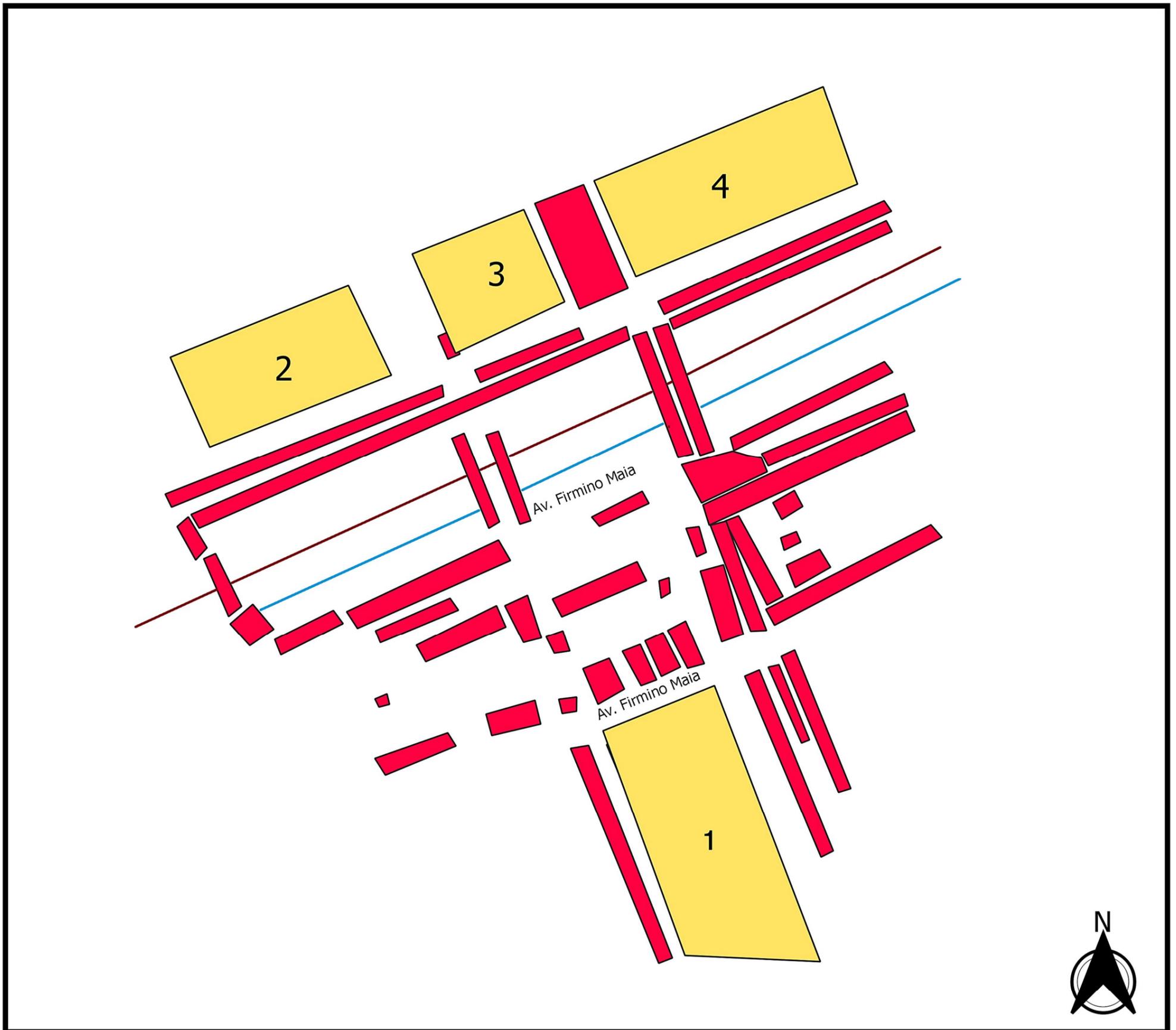
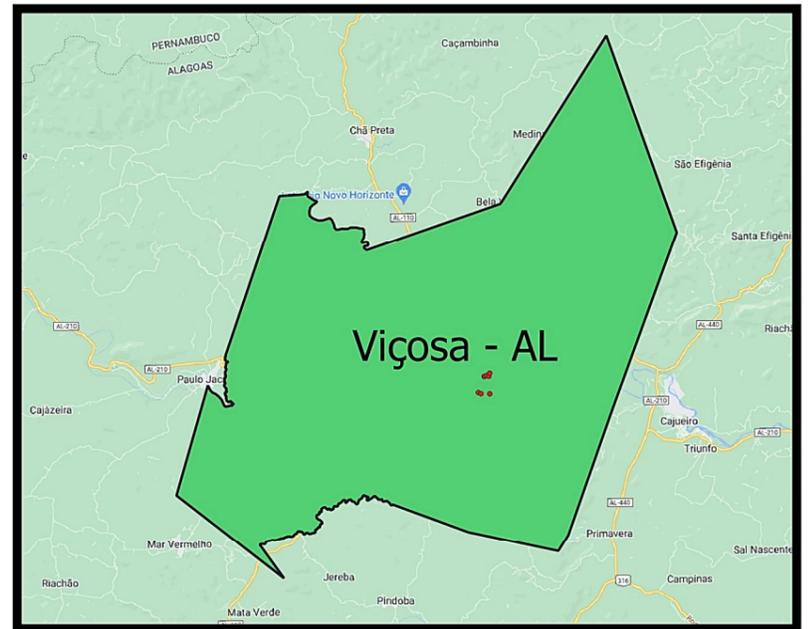
0 25 50 m



Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

Observando a organização das barracas no mês de novembro de 2015, há uma repetição de ocupação dos espaços no entorno do Mercado Público e nos entornos dos galpões, porém, diferente da distribuição das barracas em 2009, existe uma densidade menor nos arredores do mercado, e uma dispersão maior de barracas nos dois lados à esquerda da Avenida Firmino Maia. Ao lado direito da imagem, é perceptível um posicionamento mais linear em relação às barracas e mais preenchido no espaço. O perímetro utilizado para a realização da feira no espaço é menor se comparado com o ano de 2009, praticamente tendo como limite o alinhamento do galpão de número 1 (número 2 indicado no mapa).

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL em novembro de 2015



Legenda

- Disposição das barracas
- Marcação do canal
- Mercado Público Municipal
- Marcação da linha férrea
- Galpão 1
- Galpão 2
- Galpão 3

0 25 50 m

Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

A partir das imagens capturadas pelo viçosense Luís Loureiro em outubro de 2015, se faz notório as considerações levantadas acima, além de identificar as ocupações internas dos galpões e do Mercado Público. Como por exemplo as instalações das barracas que seguem o alinhamento dos galpões, a linearidade das barracas, formando pequenas ruas ao lado direito da praça e a pouca concentração de barracas no centro da praça.

Figura 40: Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo Luís Cordeiro, 2015.

Figura 41: Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo Luís Cordeiro, 2015.

Figura 42: Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo Luís Cordeiro, 2015.

Os galpões da feira também são utilizados para o emprego de mesas com mercadorias, a maior parte de frutas, hortaliças e raízes, que também são arrumados sobre o chão. As mesas são inseridas em formas de fileiras, seguindo o

padrão das externas. O Mercado Público, como já mencionado o seu segmento de vendas continua com o comércio de carnes em uma área e em outra o de grãos.

Figura 43: Disposição das barracas na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo Luís Cordeiro, 2015.

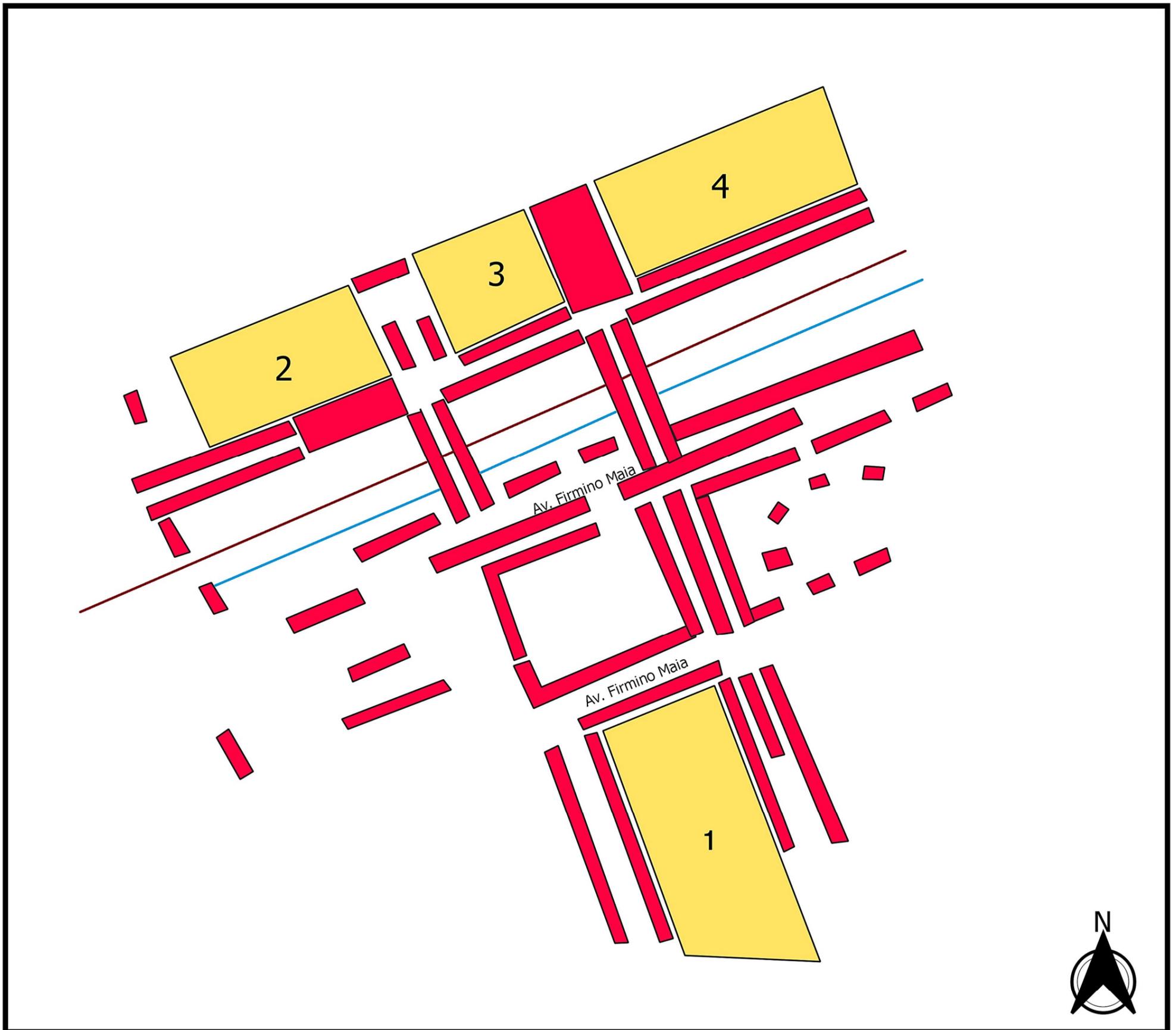
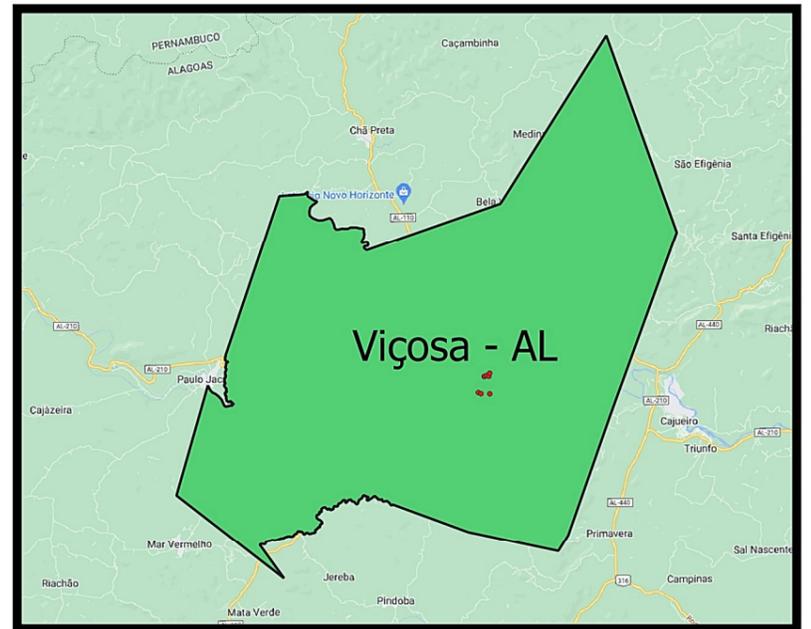
Figura 44: Comércio de carnes no Mercado Público Municipal de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo Luís Cordeiro, 2015.

Para a produção do mapa de organização da feira no ano de 2018, as ponderações partiram da análise de uma imagem de vista aérea em drone, desenvolvida pelo fotógrafo Átylla Bezerra. Neste caso ainda se repete a apropriação dos espaços nos entornos do mercado e dos galpões e com pouco uso da parte central, concentrando apenas barracas afastadas. Igualmente como 2015, o lado esquerdo ainda é mais utilizado e nesta solução pode ser visto as partes da via com mais enfileiramentos de barracas.

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL em agosto de 2018



Legenda

- Disposição das barracas
- Mercado Público Municipal
- Galpão 1
- Galpão 2
- Galpão 3
- Marcação do canal
- Marcação da linha férrea

0 25 50 m

Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

Até o ano de 2020, o piso da praça da feira livre era de concreto e paralelepípedo, sem desnível em relação ao nível da via. Neste mesmo ano iniciaram as obras de revitalização da praça central da Avenida Firmino Maia, elevando o nível da mesma, trocando o piso por intertravado e criando canteiros para as árvores, ou seja, para atravessar de um lado para o outro da feira, é necessário vencer os dois níveis da praça com as vias. Estas intervenções por mais que sejam pequenas, podem contribuir para a alteração da rotina dos feirantes, pois se esses obstáculos estiverem interferindo em suas vendas devido ao acesso dos clientes, eles terão que procurar novas alternativas de se organizar no espaço.

Figura 46: Praça da feira na Avenida Firmino Maia antes das obras de revitalização.



Fonte: Google Earth, 2019.

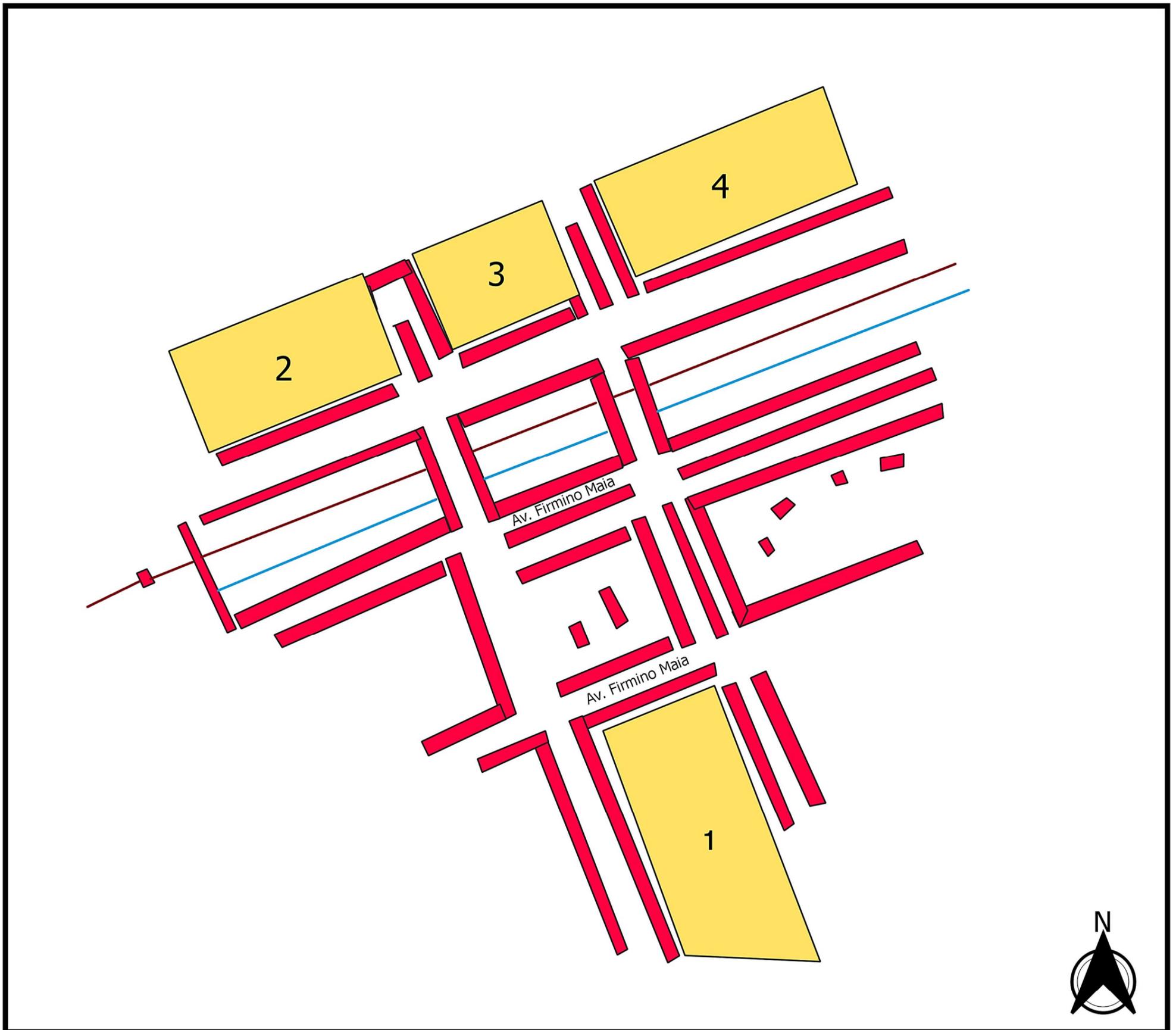
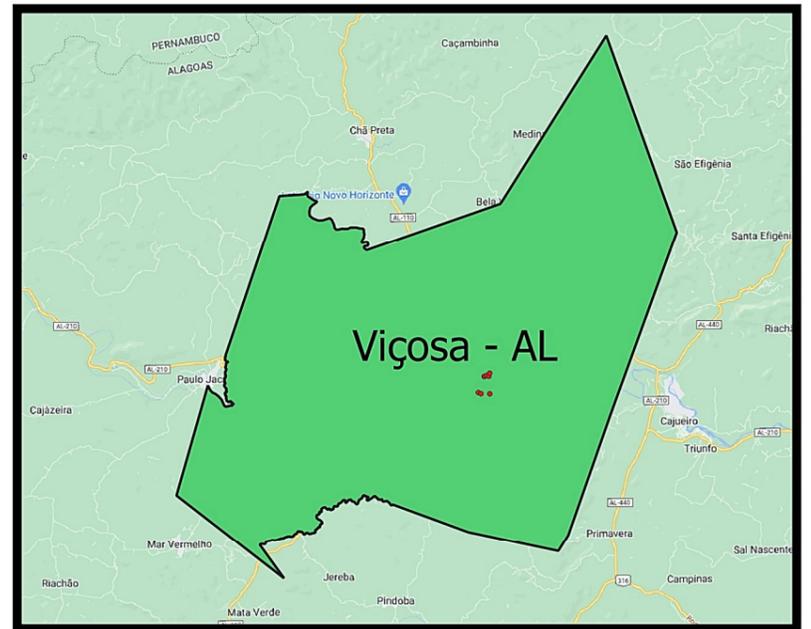
Figura 47: Praça da feira na Avenida Firmino Maia após as obras de revitalização.



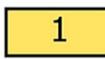
Fonte: Google Earth, 2022.

Passando para o ano de 2022, as análises de organização dos espaços da feira foram desenvolvidas “in loco”, onde o interesse foi de interpretar se existia uma ordem de posicionamento das barracas e feirantes ou se essas instalações ocorriam de forma aleatória. Iniciando pela visita realizada no dia 5 de novembro de 2022, se comparado ao ano de 2018, alguns traços se mantêm, como a ausência do uso da parte central da praça e uma maior concentração de barracas no lado esquerdo da via. bem como a existência de mais corredores. Esta prevalência de uso por este lado se deve ao fato da Avenida Firmino Maia ser interditada durante o tempo da feira e a via perpendicular à ela ser o ponto mais próximo de acesso, além de o maior fluxo de pessoas que chegam até a feira ser por esta direção. Existe também um alinhamento maior desses corredores em relação aos anos anteriores. Os galpões seguem sendo bastante ocupados pelos feirantes, que dividem o espaço com músicos que fazem suas apresentações, enquanto a feira acontece.

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022



Legenda

-  Disposição das barracas
-  1 Mercado Público Municipal
-  2 Galpão 1
-  3 Galpão 2
-  4 Galpão 3
-  Marcação do canal
-  Marcação da linha férrea

0 25 50 m



Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

Quanto à setorização dos espaços, os produtos em oferta na feira são dos mais variados, mas a maior concentração de mercadorias continua sendo de hortaliças, raízes e frutas, podendo ser encontrados em todos os lados da feira, principalmente nos galpões e seus arredores. O centro da feira ocupa no lado esquerdo vendedores de roupas e sapatos e no lado direito superior do mapa um corredor para comércio de peixes. Podem ser vistos também dividindo estes espaços em alguns intervalos, comerciantes vendendo biscoitos, grãos, fumos, lanches, perecíveis, cachaças e plantas medicinais.

Figura 49: Corredor de peixes na Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 50: Galpões da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 51: Galpões da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 05/11/2022.

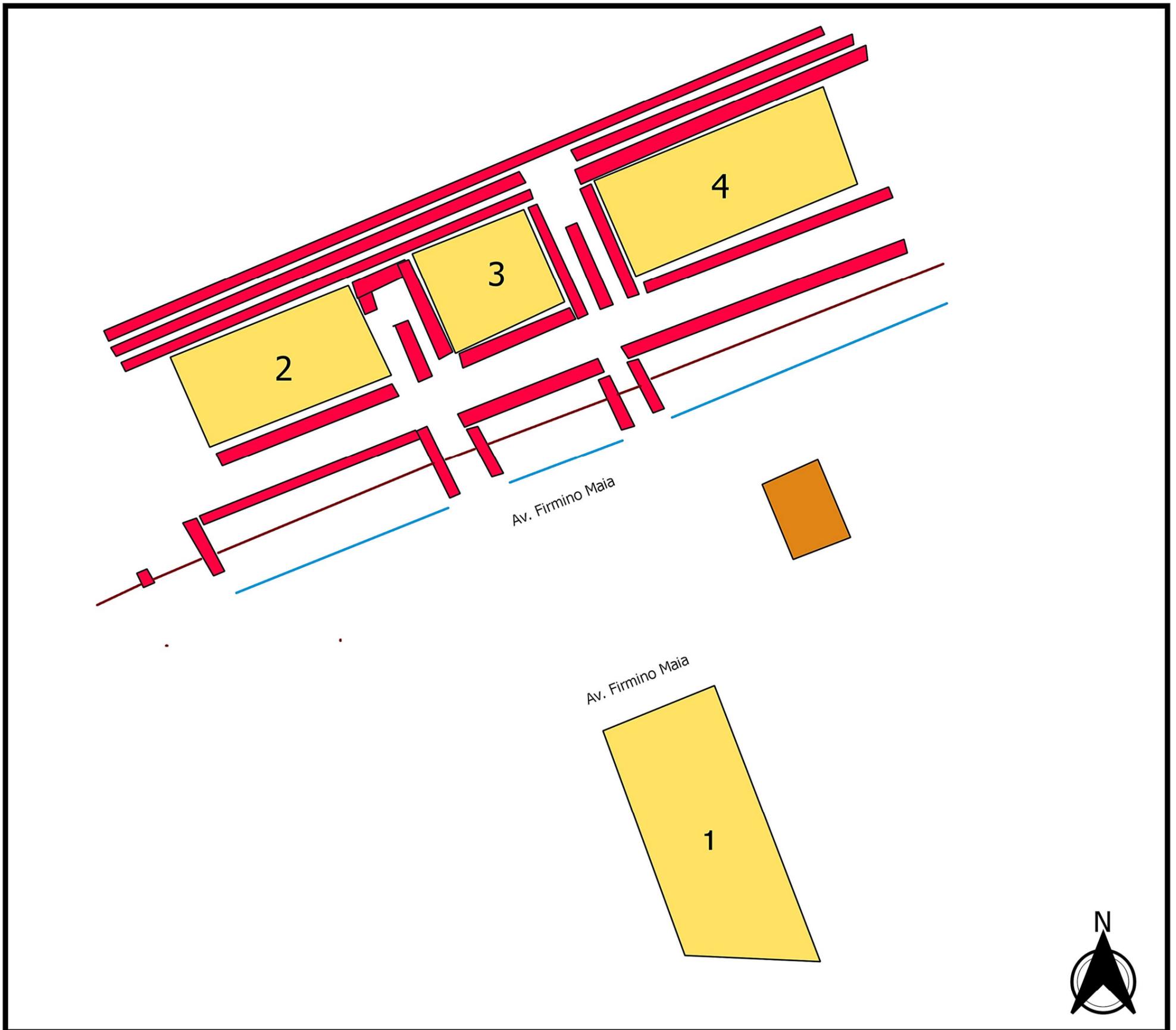
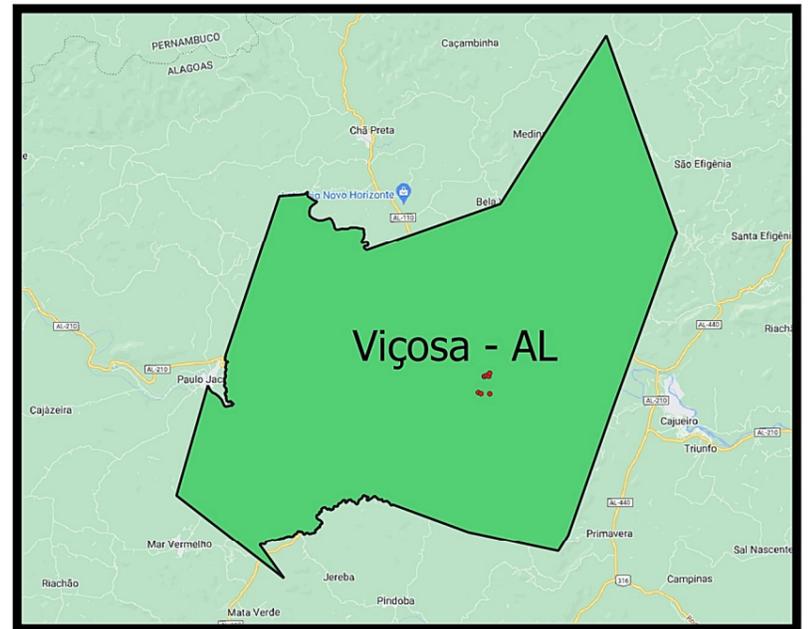


Fonte: Acervo pessoal, 2022.

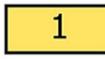
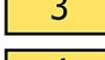
No mês de outubro de 2022, uma visita foi realizada após a festa de emancipação política do município, que aconteceu na sexta e prosseguiu até o final da madrugada de sábado, em que aconteceram shows na parte central da Avenida

Firmino Maia (local de operação da feira). Essa ocasião provocou alterações no sistema de estruturação da feira, havendo a redução de espaço e transferência de lugar. Os feirantes se organizaram de forma improvisada e sem setorizar as barracas com um corredor na lateral direita dos galpões e sobre as pontes e dois corredores à esquerda na Rua Pedro Barreto.

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 14/10/2022



Legenda

- | | |
|--|--|
|  Disposição das barracas |  Palco |
|  Mercado Público Municipal |  Marcação do canal |
|  Galpão 1 |  Marcação da linha férrea |
|  Galpão 2 | |
|  Galpão 3 | |

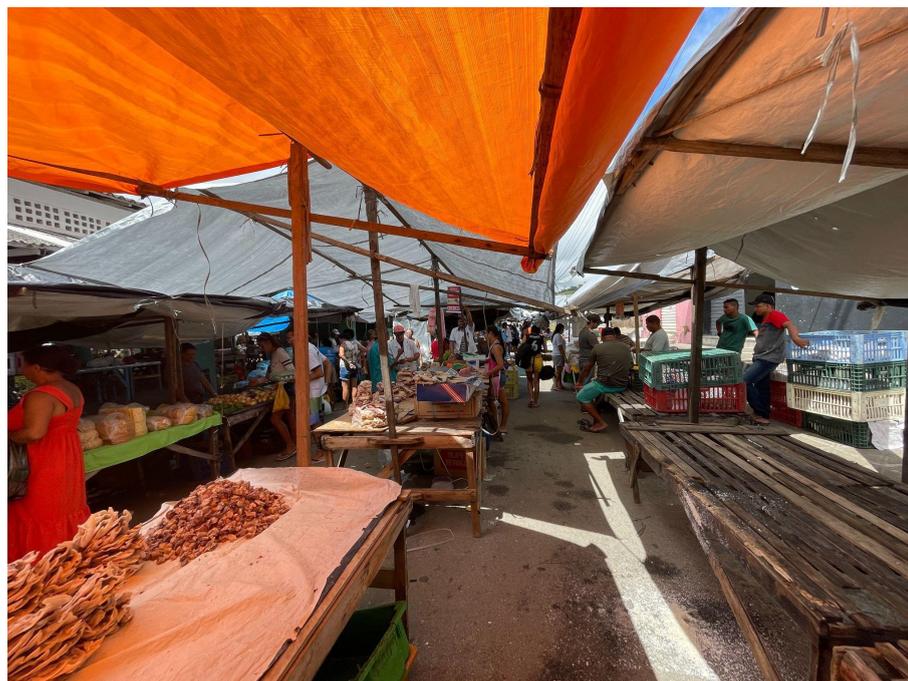
0 25 50 m



Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

Embora as festividades tivessem agregado uma grande parcela de público da cidade e ter perdurado até próximo do horário de abertura da feira, ainda assim a feira atraiu uma grande movimentação de clientes, que disputaram o aperto dos corredores comprimidos. O mercado público também seguiu com o normal funcionamento, no entanto nesta circunstância se manteve segregado da feira.

Figura 53: Corredores formados na Rua Pedro Barreto para a Feira Livre de Viçosa - AL no dia 14/10/2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 54: Barraca de venda de sapatos vizinha de barraca de venda de frutas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

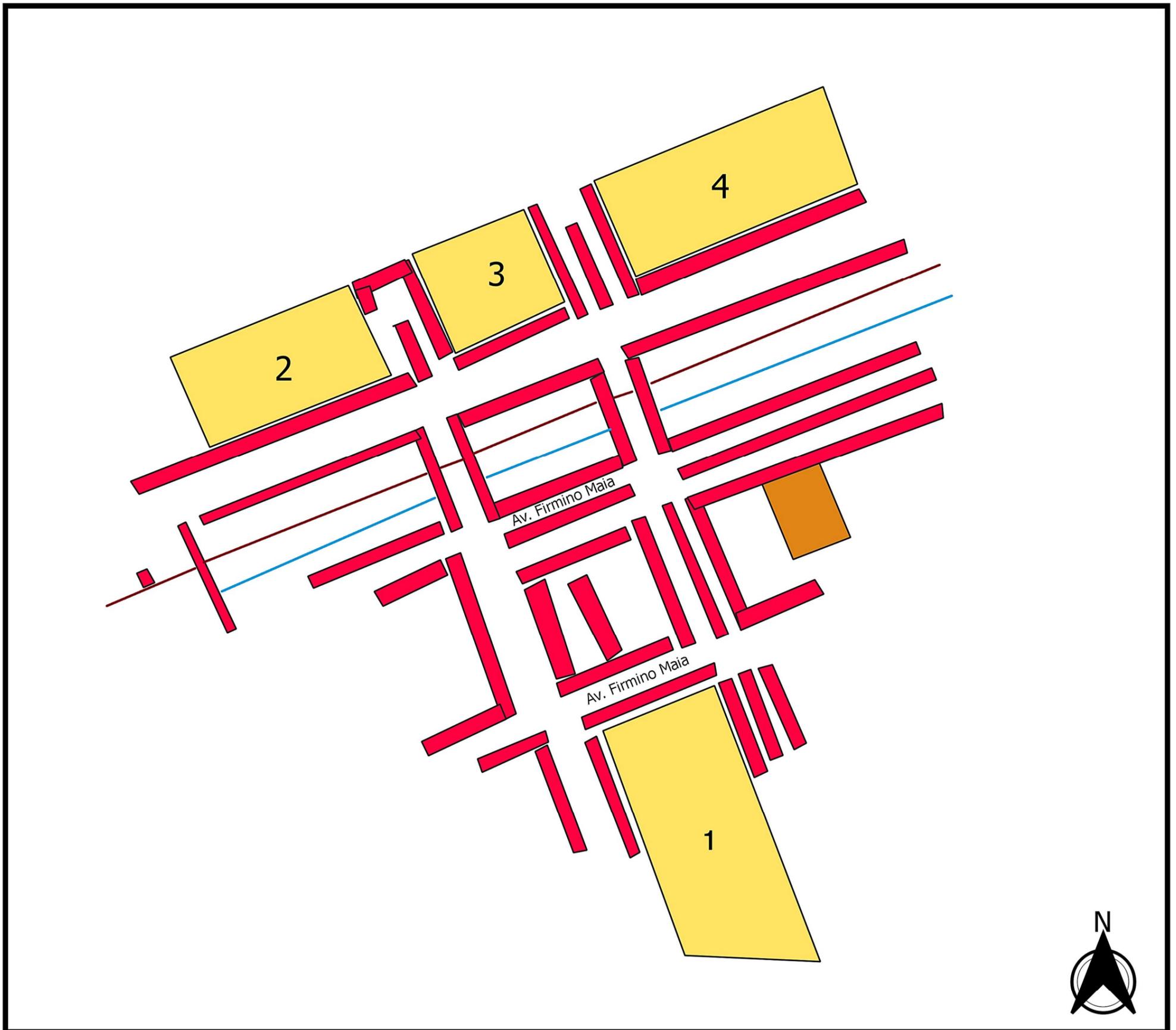
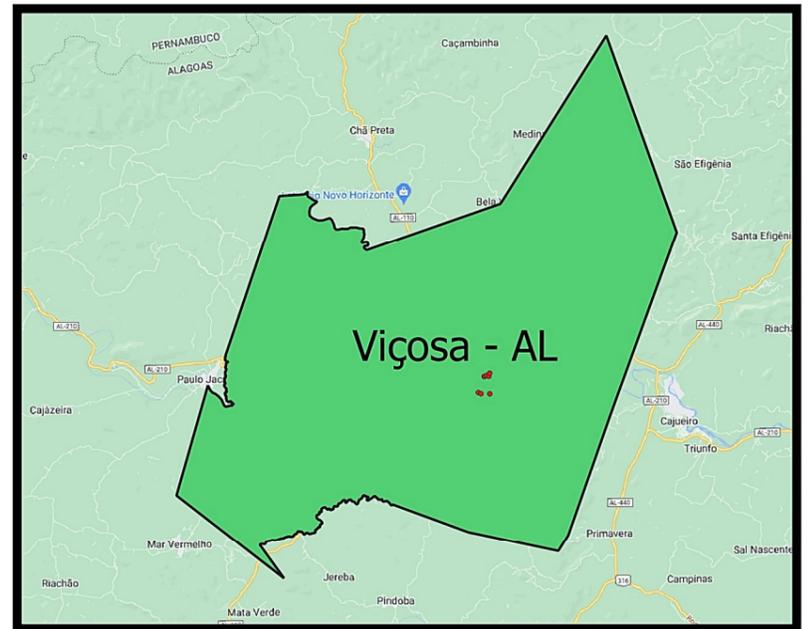
Figura 55: Grande movimentação de pessoas após o Festival da Primavera 2022 na Feira Livre de Viçosa - AL no dia 14/10/2022.



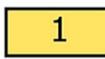
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A última visita para observar o sistema organizacional da feira foi no dia 10 de dezembro de 2022, que apresentou na disposição das barracas traços semelhantes que a visita de novembro de 2022, porém havia algumas áreas menos ocupadas que se comparado com a outra visita, isso pode ter se dado, devido ao dia anterior ter acontecido jogos da seleção brasileira para a Copa do Mundo, onde a prefeitura do município promoveu shows na mesma praça, após a partida, como mostra as instalações do palco no mapa, aglomerando moradores da cidade e possivelmente feirantes.

A organização da Feira Livre de Viçosa - AL no dia 10/12/2022



Legenda

- | | |
|--|--|
|  Disposição das barracas |  Palco |
|  Mercado Público Municipal |  Marcação do canal |
|  Galpão 1 |  Marcação da linha férrea |
|  Galpão 2 | |
|  Galpão 3 | |

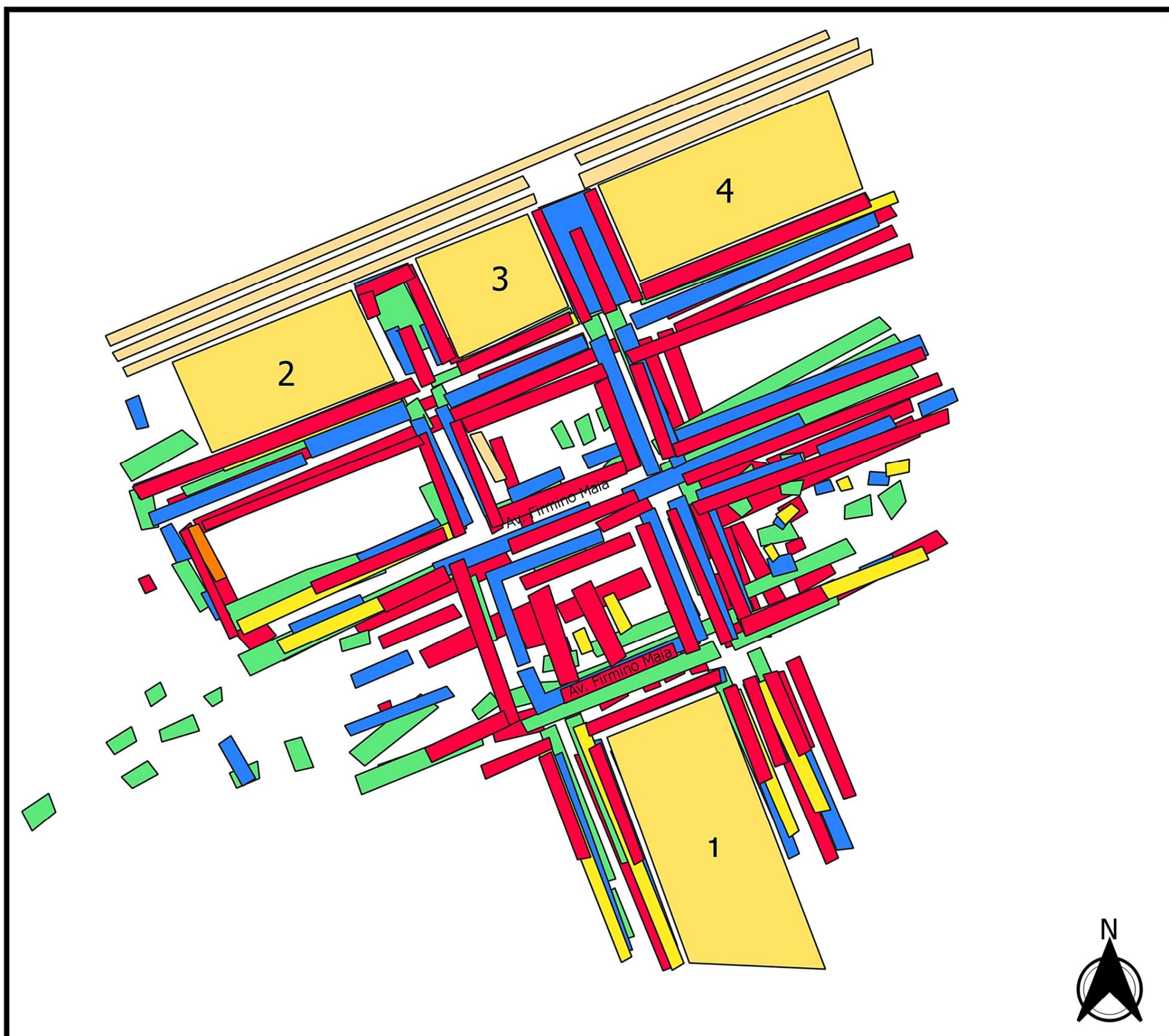
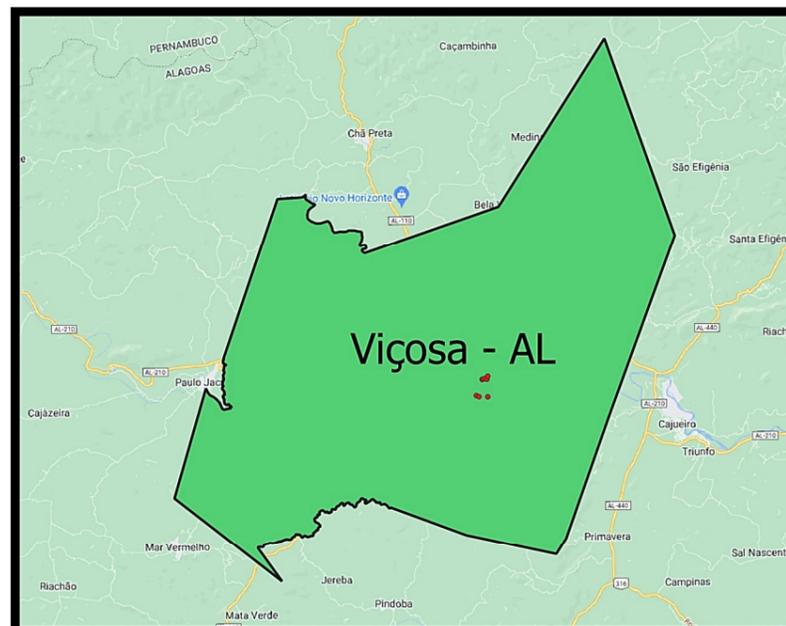
0 25 50 m



Sistema de Projeção: UTM
Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
Janeiro/2023

Sabendo que não existe uma exata continuidade no ordenamento das barracas da feira, e que conseqüentemente fica impossível identificar como é preparado o espaço para a realização do evento, por causa dessas mutações, foi desenvolvido um mapa de sobreposição da organização das barracas em todos os anos estudados, bem como das visitas em 2022, com a finalidade de reconhecer os lugares mais utilizáveis e lugares menos utilizáveis da praça.

Sobreposição das barracas da Feira Livre de Viçosa - AL nos anos de 2009, 2015, 2018 e 2022



Legenda

- | | | | |
|--|--------------------------------|--|------------------------------------|
| | Mercado Público Municipal | | Disposição das barracas - 2015 |
| | Galpão 1 | | Disposição das barracas - 2018 |
| | Galpão 2 | | Disposição das barracas - 2022 - 1 |
| | Galpão 3 | | Disposição das barracas - 2022 - 2 |
| | Disposição das barracas - 2009 | | Disposição das barracas - 2022 - 3 |

0 25 50 m

Sistema de Projeção: UTM
 Datum: SIRGAS 2000 - Zona 25 Sul
 Elaboração: Lucas Fernando T N. da Silva
 Janeiro/2023

Com base no mapa de sobreposição pode ser notado que existe uma priorização de uso de alguns espaços e outros sem uso, ou com pouco. As linhas na cor preta do mapa representam a maior constância de uso. As regiões com maior uso, se compreendem pelo entorno do Mercado Público Municipal, onde as duas laterais criam corredores que ultrapassam a ponte e a linha férrea e se encontram com os galpões.

Já nas linhas horizontais, o alinhamento das barracas segue o gabarito do meio-fio, em que a linha da extremidade sul do mapa se encaminha na ponta das calçadas do canteiro central da via e a calçada do Mercado Público. A linha central que antecede o canal representa o uso total da via, este também seguindo o traçado do meio-fio. À frente dos galpões em todos os dias de feira são utilizados, estes enfileirando as barracas com a orientação dos próprios galpões.

Os locais de menor uso da feira são: a parte central da praça, que sempre se coloca barracas dispersas e o lado esquerdo do mapa, que tem pouco uso no espaço central, bem como poucas aplicações de corredores com grupos de barracas.



3. AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PAISAGEM DA FEIRA

Andréa Guido

Considerando que as paisagens das feiras livres mudam conforme o as ações do tempo, como alterações no espaço físico, novos saberes, novas formas de varejo e necessidades da sociedade, este capítulo se conduz em reconhecer características da Feira Livre de Viçosa que se perderam, que se modificaram e que permaneceram.

A partir da análise do texto produzido por Sidney Wanderley sobre a Feira Livre de Viçosa na década de 1970, foi possível notar alguns aspectos similares com a configuração atual da feira, e outros irreconhecíveis. No decorrer da leitura do livro “Cidade” (2014) do autor, verificou-se semelhanças da descrição da feira com a canção “feira de mangaio” composta por Sivuca e Glorinha Gadêlha no mesmo período em que ele descreve.

Pela ausência de registros iconográficos do passado da feira, e pela relação da música com o que relata Wanderley (2014), foi escolhido o método comparativo da etnolinguística da música,, para relacioná-lo com a paisagem da feira de Viçosa, com o interesse de reconhecer traços permanentes (identidade) e esquecidos dela.

Foi utilizado como referência para conceituar os termos expressados na letra, o trabalho desenvolvido pela mestra Thalita Taveira no trabalho: “Uma análise etnolinguística da música “feira de mangaio” de Sivuca e Glorinha Gadêlha”.

Através das palavras-chave da música que caracterizam o que existe na "Feira de Mangaio", foram abertas discussões sobre a relação dessas características com a Feira Livre de Viçosa.

3.1 “Feira de mangaio” e sua relação com as feiras livres do interior do Nordeste brasileiro

Feira de Mangaio, conhecida também entre os pernambucanos por Feira do Mangangá, é uma feira da região nordeste que comercializa produtos artesanais de grande variedade, desde produtos domésticos, a agropecuária e fármacos, ou seja, uma feira livre. Mangaio, por sua vez, é um instrumento desenvolvido para carregar pequenos objetos, produtos ou frutas. (NAVARRO,2013. p.325 apud TAVEIRA, 2020, p. 214).

A música "Feira de Mangaio ", muito popular entre os nordestinos e lançada na década de 1970, foi gravada inicialmente pelo próprio Sivuca e, posteriormente,

incorporada ao repertório de Clara Nunes – cantora brasileira, considerada uma das maiores intérpretes do país. (TAVEIRA, 2020, p. 212).

A música “Feira do Mangaio” é um exemplo de preservação e propagação da cultura e da tradição de um povo. Os paraibanos Sivuca e Glorinha Gadêlha valorizaram diversos costumes do nordeste descrevendo uma feira de mangaio, seus produtos, alimentos e travessuras nelas contidas. Assim, a música “Feira de Mangaio” é um prato cheio de cultura, isto é, um acervo riquíssimo da cultura nordestina; apresentando um pouco de um povo que preza pelas tradições e costumes, além de apresentar as variações linguísticas do povo do nordeste e seus lexemas peculiares. (TAVEIRA, 2020, p. 218).

Sivuca ou Severino Dias de Oliveira (1930-2006), nasceu na cidade de Itabaiana - Paraíba. Considerado um multiinstrumentista, ele atuava como maestro, arranjador, compositor, orchestrador e cantor. Seu ramo na música se concentrava em ritmos como o forró e o frevo, além da realização de trabalhos com o jazz e blues, pela influência de suas vivências nos Estados Unidos (TAVEIRA, 2020, p. 212).

3.2 Etnolinguística da música e as permanências e mudanças na Feira Livre de Viçosa

A etnolinguística é conhecida como o estudo que relaciona a cultura com as comunidades falantes (COSERIU, 1987 apud TAVEIRA, 2020). A etnolinguística examina as prováveis variações da linguagem e sua associação com as civilizações (TAVEIRA, 2020), ou seja, a partir do diagnóstico da linguagem, é possível interpretar particularidades culturais de um grupo.

Assim, é a etnolinguística, o estudo do conhecimento sobre o que a linguagem expressa, ou seja, aspectos culturais, costumes expressos por meio da linguagem. Nesse modo, podemos observar que a língua é entendida como um meio de expressão cultural e, portanto, constitui uma ação intersubjetiva que está diretamente relacionada à diversidade cultural dos grupos sociais (TAVEIRA, 2020).

Neste tópico será feita a análise da canção “Feira de Mangaio” e o significado das palavras dessa canção, que denotam aspectos tradicionais da cultura nordestina. Através das palavras-chave da música que caracterizam o que existe na “Feira de Mangaio”, serão abertas discussões sobre a relação dessas características com a Feira Livre de Viçosa, que servirão para identificar as vinculações das palavras da música com a feira, distinguindo aspectos **permanentes, modificados**

e **apagados**. Para indicar nos versos da música estes atributos, foram escolhidos identificá-los por cor, sendo a cor verde para características permanentes, modificados a cor laranja e apagados a cor vermelho. Será referenciado a estrofe da música e abaixo a relação das palavras marcadas com a feira.

Fumo de rolo, arreio de cangaia,

Eu vim pra vender, quem quer comprar?

Bolo de milho, broa e cocada,

Eu vim pra vender, quem quer comprar?

(SIVUCA, GADELHA, 1978).

Começando pelo **fumo de rolo**, ele é um produto bastante popular encontrado nas feiras livres do interior do Nordeste. Não diferente disso, na Feira Livre de Viçosa, ainda se tem o tradicional comércio de fumo de rolo, com as folhas enroladas em corda, fardos com o fumo, seda para preparação do fumo, balança para pesagem, todos sobre a banca e uma pequena corda com fogo na ponta para o cliente acender seu fumo já preparado. O comerciante tira uma porção do fumo do fardo, coloca em uma sacola plástica, põe sobre a balança para pesar e enrola em uma folha de papel.

Figura 58: Barraca de fumo de rolo na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

No documentário “Feira de Viçosa” (Focus Vídeo, 2008), um dos entrevistados é um comerciante de fumo de rolo. O mesmo informa que o produto que é comercializado na feira, vem da cidade de Arapiraca, considerado a maior produtora de fumo do estado e uma das maiores do Brasil (GAZETA WEB, 2020).

Em todas as visitas à feira, foi percebido apenas uma barraca de fumo de rolo e a mesma em todas as ocasiões estava instalada ao lado esquerdo do Mercado Público Municipal.

O **arreio de cangaia**, que no caso quer dizer “arreio de cangalha”, é uma armação de madeira ou de ferro que segura e equilibra a carga em que as bestas carregam, geralmente são empregados dois cestos ao cavalo. Hoje na Feira Livre de Viçosa, pouco se vê esta estrutura apoiada aos cavalos. Durante as visitas à feira, apenas duas vezes foi possível ver uma cangalha apoiada sobre um cavalo.

Isso se dá pelo motivo que as formas de transporte de mercadorias migraram-se para outras, que é o caso das motos, moto-táxis, ônibus e caminhões que trazem compradores dos povoados da cidade, onde estes levam no próprio veículo suas compras. Outro modo de transportar mercadorias que pouco se vê na feira, é o uso de carro de mão.

Figura 59: Moto-táxis estacionadas no canteiro da Feira Livre de Viçosa - AL aguardando clientes para viagens.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 60: Ônibus vindo de povoados estacionado nas proximidades da Feira Livre de Viçosa - AL .



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Há um uso majoritário do transporte de pessoas e mercadorias da feira, que é o de motos e moto-táxis, devido a facilidade e agilidade de locomoção desse transporte, que pode cortar a cidade em poucos minutos. No documentário “Feira de Viçosa” (2008), um moto-taxista fala sobre a troca do uso do carro de mão pelas motos para o carregamento de mercadorias:

A tradição do carro de mão, não por inteiramente, mas 80% do carro de mão estar deixando de usar, porque, aquela senhora que faz a feira, ela leva a sua feira e a gente também leva a própria dona da feira, ela leva a sua feira e também vai na moto, pagando a mesma quantidade do carro de mão. (MOTO-TAXISTA,, 2008, Documentário Feira de Viçosa).

A moto é o principal meio de transporte da cidade, todos os dias em qualquer momento é possível ver o movimento das motocicletas e os motociclistas em maioria sem capacete. É muito comum ver pelo menos uma motocicleta por família, e em dias de feira o fluxo delas é constante em direção a Avenida Firmino Maia.

O bolo de milho, a broa e a cocada também são produtos de destaque da feira atual, em todos os lados da feira existem bancas com vendedores de bolachas e bolos. Nessas mesas, eles oferecem uma variedade de bolachas, que ficam expostas em grandes sacos e são vendidas por quilograma. O cliente ainda tem a opção de provar o produto antes de escolher ou levar.

Figura 61: Barraca de bolachas, biscoitos e bolos da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Pé de moleque, alecrim, canela

Moleque sai daqui me deixa trabalhar

E Zé saiu correndo pra **feira de pássaros**

E foi passo-voando pra todo lugar

(SIVUCA, GADELHA, 1978).

O pé de moleque, ou como conhecido em Viçosa de quebra-queixo, como já relatado no trabalho, existe uma única pessoa na feira que produz e comercializa esse produto na cidade, o João do Quebra-Queixo. Como não tem pessoas com o domínio desse saber além dele, a prática possui potencial de ser apagada. Nos dias visitados à feira para análise do espaço, não foi visto a barraca de quebra-queixo.

O **moleque**, expressado na música, representa a criança, que em meio a feira interrompe o trabalho do feirante. Nas visitas a feira foi percebido o trânsito constante de crianças, acompanhadas ou crianças maiores sozinhas.

Figura 62: Criança caminhando na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Há poucos feirantes que atuam com a venda de temperos como a **canela** e plantas medicinais, como o **alecrim**. Normalmente, os vendedores colocam em pequenos sacos os temperos e deixam à mostra na mesa da barraca, quando o cliente faz o pedido, eles apresentam os valores, colocam em pequenas sacolas plásticas e os entregam. Para a venda de plantas medicinais, é comum ser visto os comerciantes disponibilizarem garrafadas com mistura de ervas que prometem combater uma série de doenças. Esta atividade é bastante rotineira nas feiras livres do interior do Nordeste, e é conhecida como medicina popular.

Figura 63: Barraca de temperos na Feira Livre de Viçosa - AL.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A **feira de pássaros** era um momento muito comum nas feiras livres do interior nordestino (TAVEIRA, 2020). Atualmente na feira de Viçosa este evento não acontece mais, devido a proibição de comércio de animais silvestres, que vem sendo combatido pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), com o interesse de diminuir o contrabando de animais.

Tinha uma **vendinha** no canto da rua, onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar pra Maria do Joá
Tinha uma **vendinha** no canto da rua, onde o mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar pra Maria do Joá
(SIVUCA, GADELHA, 1978).

Na música a citação de **vendinha**, coloca que o mangaieiro procurava o lugar para o seu entretenimento e ingerir bebida alcoólica. No passado da Feira Livre de Viçosa, a feira também tinha o papel de atrativo para o lazer, como Sidney Wanderley, cita a presença de retratistas e mágicos na década de 1970. Atualmente não se encontram mais estas atividades acontecendo na feira.

Figura 64: Tradicional Bar do Relógio na Avenida Firmino Maia, Viçosa - Alagoas.



Fonte: Google Earth, 2022.

Atualmente, existem barracas que vendem destilados, como cachaças artesanais e doses. Nos arredores da feira encontram-se alguns bares, com funcionamento durante os horários de feira. Um dos mais tradicionais é o “Bar do Relógio”, que em sua fachada há uma torre com um relógio, característico do ecletismo brasileiro. Outro bar muito popular e no entorno da feira é o “Toca do Veio”. No passado este bar reunia shows, que aconteciam na porta da edificação, hoje opera apenas com o comércio de bebidas.

Cabresto de cavalo e rabichola

Eu tenho pra vender, quem quer comprar

Farinha, rapadura e graviola

Eu tenho pra vender, quem quer comprar

(SIVUCA, GADELHA, 1978)

A música segue dando continuidade na segunda parte a caracterização de objetos e produtos alimentícios comercializáveis da feira de mangaió. O próximo produto que eles classificam é o **cabresto de cavalo**, uma peça que é inserida sobre o focinho do cavalo para ser guiado. O outro citado na música é a **rabichola**,

instrumento utilizado para fixar a cangalha nos animais de carga (TAVEIRA, 2020). Esses elementos não foram vistos à venda na feira. Na cidade existem lojas que vendem produtos agropecuários, e que conseguem atender o público com essas demandas, mas na feira livre não encontra-se mais disponível essa categoria de produtos.

A **farinha**, é ainda um dos produtos mais indispensáveis para a feira, em todos os pontos da feira podem ser encontradas barracas com sacos grandes e variados tipos de farinha. O Mercado Público Municipal ou popularmente conhecido pelos habitantes da cidade como “Farinheiro”, também atende no setor de grãos o serviço de venda de farinha. Na quinta-feira é possível ver em atividade o Mercado Público, que fecha por volta da uma da tarde. Aos sábados há um grande fluxo de pessoas nas áreas internas do mercado, seja na seção de grãos ou na seção de carnes. A fachada do mercado já passou por diversas intervenções, a mais recente foi um painel executado na fachada frontal, com o nome da cidade desenhado, atrelado a símbolos que representam as formas de expressão da cidade, o Guerreiro e o Bumba-Meu-Boi.

Figura 65: Mercado Público Municipal de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 66: Fachada do Mercado Público Municipal de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Encontra-se na feira algumas barracas que vendem itens variados, como bolachas e biscoitos, e poucas delas além dessas mercadorias, dispõem de **rapadura**, que trata-se de um doce produzido a partir das sobras da raspa de camadas de açúcar, que ficam presas nos tachos.

A **graviola** é uma fruta muito tradicional das feiras livres, e na Feira Livre de Viçosa, além da graviola existem muitas barracas que vendem uma variedade enorme de frutas, como melancia, banana, manga, laranja, tangerina, acerola, pitomba, uvas, abacate, jaca, acabaxi, carambola, coco, dentre outras. Habitualmente nas barracas que comercializam frutas maiores como a melancia e a jaca, vendem somente um produto. Os feirantes que comercializam frutas menores colocam sobre a mesa uma variedade de frutas.

Figura 67: Mesa de comércio de bananas e melancias no Galpão da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 68: Mesa de comércio de legumes no Galpão da Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Além do comércio de frutas, na feira é muito visível o mercado de verduras, legumes e raízes, que dominam praticamente o espaço de toda a feira. Pode ser observado uma grande quantidade de compradores carregando sacolas nas mãos com frutas, verduras, legumes e raízes.

Pavio de candeeiro, panela de barro

Menino vou me embora, tenho que voltar

Xaxar o meu roçado que nem **boi de carro**

Alpargata de arrasto não quer me levar

(SIVUCA, GADELHA, 1978).

Na feira também não foi encontrado à venda **pavio de candeeiro**, tendo em vista que no momento de composição da música a energia elétrica em algumas cidades do interior ainda era um sonho distante, principalmente nas zonas rurais. As primeiras cidades do interior de Alagoas a receber eletricidade foram Paulo Afonso e Viçosa, em 1961, muito depois da capital Maceió, que foi contemplada com o sistema em 1895 (TICIANELI, 2016). O pavio de candeeiro ou mesmo o candeeiro, pela falta de eletricidade, era um utensílio do cotidiano das pessoas, hoje, após a aderência pela energia elétrica, não é mais um produto necessário.

A **panela de barro**, não é mais vista na Feira de Viçosa, mas há lojas do entorno da avenida que comercializam panelas metálicas a preços acessíveis. Existe uma diminuição no uso doméstico de panelas de barro, e uma maior adesão a panelas metálicas, principalmente de material alumínio. Além da panela de barro, existiam barracas que dispuseram de uma variedade de produções artesanais, como vaso de plantas, potes e filtros de água em barro e materiais em palha, como xaxins e cestos.

A canção faz uma relação do feirante com a roça ao citar “**xaxar o meu roçado**”, podendo trazer uma série de reflexões sobre esta passagem. Para alguns feirantes, a feira é o resultado de seu trabalho no campo, plantando e colhendo frutos a serem comercializados na própria. Mas mesmo que não seja o feirante o ator deste trabalho de bastidor, ainda assim, existem pessoas que contribuem externamente à feira para a disponibilidade de produtos que serão comercializados, ou seja, a preservação da paisagem da feira não se concentra exclusivamente no espaço em que ocorre o evento, a feira é a síntese de outras paisagens. Preservar

os espaços alimentadores da feira contribui pela permanência de práticas, saberes e variedade de produtos.

A **alpargata de arrasto** é uma sandália de couro, que foi muito utilizada pelos cangaceiros, ainda assim, no Nordeste, nas feiras de artesanato é frequentemente encontrado este produto, porém não é mais visto na Feira de Viçosa barracas com este tipo de calçado. Os calçados vendidos na feira atual são produtos industrializados, como chinelos de borracha, tênis e sapatos masculinos e femininos. Há feirantes que atuam na feira com o setor de vestuário, vendendo camisas, blusas, calças, vestidos, acessórios, dentre outros, importados da Feira de Caruaru - Pernambuco (FOCUS VÍDEO, 2008).

Figura 69: Chinelos de borracha sendo vendidos na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 70: Barraca de roupas na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Porque tem um **Sanfoneiro** no canto da rua,
fazendo floreio pra gente **dançar**
Tem Zefa de Purcina **fazendo renda**, e o **ronco**
do fole sem parar
Porque tem um **Sanfoneiro** no canto da rua,
fazendo floreio pra gente **dançar**
Tem Zefa de Purcina **fazendo renda**, e o **ronco**
do fole sem parar
(SIVUCA, GADELHA, 1978).

A música se encarrega para um segundo refrão, agora falando sobre o entretenimento da feira a partir das formas de expressão, como o **sanfoneiro**. Em quase todas as visitas feitas à feira, havia bandas de forró pé de serra para alegrar o público, que parava para contemplar a apresentação. A cada dia foi identificado que as bandas sempre estavam em locais diferentes, ou seja, nas portas de lojas próximo à feira ou nos galpões. Na música fala sobre a **dança**, mas as pessoas apenas paravam para assistir e não dançar.

Figura 71: Trio pé de serra se apresentando na entrada de uma loja do Centro de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Posteriormente, se faz referência à uma feirante rendeira com a estrofe “Tem Zefa de Purcina **fazendo renda**”, mas para a Feira de Viçosa não foi encontrada nenhuma rendeira produzindo no momento da feira e nem pessoas comercializando materiais em renda, somente as produções industrializadas, vindas de Caruaru - Pernambuco.

Não citado na música, mas muito importante, é a comercialização de peixes. Na feira sempre à direita da Avenida Firmino Maia concentram-se os vendedores de peixe, apresentando variados tipos de frutos. Eles enquanto aguardam clientes para a compra tratam os peixes que posteriormente serão vendidos.

Como a feira caminha com as evoluções da sociedade e atendendo as demandas do mercado, existe a adoção pelo comércio de produtos importados, como acessórios para celular, caixas de som, brinquedos e objetos.

Figura 72: Barraca de peixe na Feira Livre de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A música se encerra com o “**ronco do fole sem parar**”, que representa o espírito de festividade que a feira traz para a cidade e em Viçosa, mesmo que não se tenha retratistas, mágicos, malabaristas, ainda assim a feira livre é a maior e melhor atividade semanal de entretenimento que a cidade oferece para os viçosenses, pois não existe alegria maior do que ter condições de ir ao mercado e voltar para casa com a garantia do alimento. É a feira o lugar da conversa, dos encontros, dos desencontros, da compra, da venda, dos saberes, das trocas de saberes, da essência da cidade, da identidade, da cultura, de outras culturas, das transformações.

4. Conclusão

Esta pesquisa teve início com questionamentos sobre a importância da feira para a cidade de Viçosa, e impressões pessoais da falta de olhares sobre a sua relevância cultural. Após vivenciar a cidade e a própria feira, as respostas foram completamente diferentes.

Para entender o comportamento e o que é este lugar, foi necessário entrar na cidade e vivê-la como um cidadão, pois o olhar externo poderia fugir das representações do próprio lugar e suas alterações.

A resposta para o questionamento é que a cidade de Viçosa exala cultura, os viçosenses são a cultura, não se faz necessário apresentá-los a feira como um importante instrumento de preservação cultural, porque mesmo que não seja expressado, eles sabem disso, vivem e fazem a preservação, bem como a manutenção desse espaço. A feira é o recurso de subsistência de muitos para a cidade, não só dos feirantes, mas toda a cadeia que ela carrega, do campo, da pesca e outros meios.

Um exemplo dessa valoração foi a homenagem que uma escola da rede municipal fez no desfile cívico do aniversário da cidade para os feirantes e em especial o João do Quebra-Queixo, que também participou do cortejo. A prova da não relevância da feira seria se não existisse a aderência do público para com ela, mas a realidade não mostra isso, pois a feira perdura durante muitos anos e isso é o resultado do sucesso que esse comércio detém.

Entre a cangalha e a motocicleta o que permanece são as identidades, e a alma do lugar, mesmo que modificadas pelas interferências do tempo não se afastam de sua função principal, o sistema de trocas.

Figura 73: Estudantes fazem homenagem à feira no desfile cívico de emancipação política de Viçosa - Alagoas em outubro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 74: João do Quebra-Queixo sendo destaque no desfile cívico de emancipação política da cidade de Viçosa - Alagoas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Quem deve ser apresentado à feira como recurso significativo para a cidade é o poder público, que em muitos casos intervém no uso desses espaços e invade as particularidades dele sem nenhum exercício humanitário. Esse tipo de interferência pode causar sérios danos nas práticas culturais e apagá-los de forma agressiva.

Os únicos sujeitos capazes de escolher o destino de suas atividades são os próprios detentores delas. Cabe à comunidade manter, mudar ou apagar de forma saudável aquilo que eles praticam e o poder público de entender suas devidas necessidades para contribuir para essas existências.

5. Referências

ARAGÃO, José. **Saudação Noturna - Crônicas**. Maceió: Imprensa Oficial e Gráfica Graciliano Ramos, 2010.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. 700 f. Tese de Doutorado – Instituto de Ciências Sociais, Departamento de História (Universidade do Minho) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Braga/Portugal. 2011.

ARRUDA, Jânio. **Caruaru na década de 60**. Caruaru, 2013. Disponível em: <<http://www.blogjaniarruda.blogspot.com/2013/12/caruaru-decada-de-60.html>>. Acesso em: 5 dez 2022.

BEZERRA, Janylle. **Alagoas teve a maior produção de fumo do século no ano de 2019, destaca pesquisa**. Maceió, 2020. Disponível em: <<https://www.gazetaweb.com/noticias/economia/alagoas-teve-a-maior-producao-de-fumo-do-seculo-no-ano-de-2019-destaca-pesquisa/>>. Acesso em: 01 fev 2022.

BONAMICHI, Nayana Corrêa, **Feiras livres: Um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013

BRANDÃO, Alfredo. **Viçosa de Alagoas**. Ed. Imprensa Industrial, Recife, 1914.

DANTAS, Galdino. **Feiras no Nordeste**. Fortaleza. Revista de Geografia da UFC, 2008.

FIGUEIREDO, Vanessa. **O patrimônio e as paisagens: Novos conceitos para velhas concepções?** São Paulo. Paisagem e Ambiente: Ensaio, Nº 32. p. 83 - 118, 2013

Julio Caio Vasconcelos. **Filme São Bernardo (Viçosa-AL, 1971)**. 1 vídeo (1:54:15). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_2Uu43gZZ44&t=437s>. Acesso em: 05 dez 2022.

JUNIOR, Edvaldo. **Adeal emite guias de trânsito animal na Feira de Dois Riachos**. Disponível em: <<https://edivaldojunior.com.br/2014/02/16/adeal-emite-guias-de-transito-animal-na-feira-de-dois-riachos>>. Acesso em: 08 dez 2022.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Goiânia: Revista Eletrônica Ateliê Geográfico, UFG, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. **O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989)**. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. Tradução Neil R. da Silva, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NEZINHO, Ricardo. **Memória fotográfica de Arapiraca**. Arapiraca, 2003. Disponível em: <<http://ricardonezinho.com.br/gallery-cat/memoria-fotografica-arapiraca/>>. Acesso em: 05 dez 2022.

SANTOS, Carlos. **Território e Territorialidade**. Rondônia. Revista Zona de Impacto, vol. 12, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos. **Territorialidade e Identidade: Um patrimônio do desenvolvimento territorial**. São Paulo. Caderno Prudentino de Geografia, nº 31, vol. 1, 2009.

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SILVA, Charlene. **Territorialidade e paisagem da Feira Livre da cidade de Viçosa, Minas Gerais: Lugar, Memórias e Identidade**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

STRAUCH, Ney. **Contribuição ao Estudo das Feiras de Gado**. Revista Brasileira de Geografia, 1952.

TAVEIRA, Thalita. **Uma análise da etnolinguística da música “feira de mangaio” de Sivuca e Glorinha Gadêlha**. João Pessoa. Interfaces, 2020

TICIANELI, Edberto. **CEAL, a histórica Companhia de Eletricidade de Alagoas**. Maceió, 2016. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/historia-da-ceal.html#:~:text=Macei%C3%B3%20foi%20uma%20das%20primeiras,caldeiras%20de%2075%20cavalos%20cada.>>. Acesso em: 02 fev 2023.

TICIANELI, Edberto. **História das estradas de ferro em Alagoas (Final). No tempo da Great Western.** Maceió, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/vicosa-a-atenas-de-alagoas.html>>. Acesso em: 29 nov 2022.

TICIANELI, Edberto. História das estradas de ferro em Alagoas (Final). No tempo da Great Western. Maceió, 2022. Disponível em : <<https://www.historiadealagoas.com.br/historia-das-estradas-de-ferro-em-alagoas-final-no-tempo-da-great-western.html>>. Acesso em: 27 nov 2022.

TICIANELI, Edberto. **Viçosa, a Atenas de Alagoas.** Maceió, 2016. Disponível em: <<https://www.historiadealagoas.com.br/vicosa-a-atenas-de-alagoas.html>>. Acesso em: 29 nov 2022.

TYPOGRAPHIA VIÇOSENSE, **Álbum do Centenário de Viçosa.** Ed. Typographia Viçosense, 1931.

VASCONCELOS, Julio. **História política de Viçosa: entre poder, crime e progresso.** Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2021.

WANDERLEY, Sidney. **Cidade.** Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2014.